

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação

Lyria Tâmera Rocha Porto

**TRABALHO DE CUIDADO DOMÉSTICO EM TRÊS GERAÇÕES DE MULHERES  
MORADORAS DE PERIFERIA**

Belo Horizonte

2025

Lyria Tâmera Rocha Porto

**TRABALHO DE CUIDADO DOMÉSTICO EM TRÊS GERAÇÕES DE MULHERES  
MORADORAS DE PERIFERIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana de França Drummond

Coorientadora: Profa. Dra. Érica Dumont Pena

Belo Horizonte

2025

P853t Porto, Lyria Tâmera Rocha  
2025 Trabalho de cuidado doméstico em três gerações de mulheres moradoras de periferia [ recurso eletrônico] / Lyria Tâmera Rocha Porto. – 2025.  
1 recurso online (78 f. : il.) : pdf.

Orientadora: Adriana de França Drummond  
Coorientadora: Érica Dumont Pena

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Inclui bibliografia.

1. Mulheres – Condições sociais – Teses. 2. Mulheres – Condições econômicas – Teses. 3. Trabalho feminino – Aspectos sociais – Teses. I. Drummond, Adriana de França. II. Pena, Érica Dumont. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. IV. Título.

CDU: 331-055.2

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: nº 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



## FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de cuidado doméstico em três gerações de mulheres  
moradoras de periferia

**LYRIA TÂMERA ROCHA PORTO**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS DA OCUPAÇÃO, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS DA OCUPAÇÃO, área de concentração OCUPAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E INCLUSÃO.

Aprovada em 07 de março de 2025, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Adriana de França Drummond – Orientadora  
UFMG

Prof(a). Erica Dumont Pena  
UFMG

Prof(a). Luciana Assis Costa  
UFMG

Prof(a). Maria Aline Gomes Barboza  
Prefeitura de Belo Horizonte

Belo Horizonte, 7 de março de 2025.

*Dedico este estudo às gerações de mulheres que fizeram e fazem parte da construção desta pesquisa e da minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

À minha espiritualidade, que sempre me acompanha ao longo de minha trajetória de vida, proporcionando-me lucidez, sabedoria, intuição e proteção diante dos desafios.

À minha mãe, Cleuza, com seu amor e ternura sempre presentes; Junia – minha prima, que não mede esforços para se fazer presente, e às outras tantas mulheres da família que estiveram ao meu lado nos momentos de dor e angústia, oferecendo colo e ensinamentos, leveza e boas risadas, assim como os amigos: Laís, Renata, Ernani, Carlota, Alex, Mariana, Raiany, Jacque, Thamara e outros tantos que estão presentes.

À Dani, analista que me acompanha há algum tempo, sou grata pelo seu acolhimento seguro durante as escutas e análises.

À Adriana Queiroz pela sua disposição e por ter sido uma propulsora de minha entrada no Mestrado em Estudos da Ocupação.

À Ana Luiza, colega e parceira de pesquisa, a quem gentilmente mediou meu primeiro contato na Vila Marçola, no espaço do Projeto Seu Vizinho, e à senhora Ana – informante chave no processo de interlocução com outras mulheres.

Agradeço às participantes deste estudo, as avós, suas filhas e netas, que demonstraram interesse e disponibilizaram seu precioso tempo para estarem junto a mim.

À minha orientadora, Adriana Drummond, pelo desafio de construirmos juntas este Projeto, que, com sua expertise, me direcionou no processo de escrita. À Erica – coorientadora, cujo olhar junto a nós na leitura deste trabalho foi primordial.

A todas as pessoas que não mencionei, mas que estão em minhas doces lembranças.

Gostaria de expressar minha gratidão a todas autoras mulheres que constituem os referenciais teóricos e bibliográficos, as quais disponibilizaram seus estudos e conhecimentos, oferecendo acesso livre e gratuito a nós, comunidade de pesquisadores: vocês foram essenciais para complementar meu estudo. Precisamos expandir o conhecimento e torná-lo acessível.

E a você, caro(a) leitor(a), seja bem-vindo(a) a esse espaço de entrega de um estudo, a partir de referenciais teóricos e reflexões, mas mais do que isso, da participação de mulheres que, juntas, representam o diamante desta pesquisa. Boa leitura!

## **APRESENTAÇÃO**

O presente estudo aprofunda as discussões em andamento no Brasil, na América Latina e no mundo acerca do trabalho de cuidado doméstico, frequentemente atribuído às mulheres. O trabalho explora as diversas modalidades de cuidar e ser cuidado, ressaltando como essas práticas estão interligadas a desigualdades socioeconômicas e culturais. Ademais, aborda o impacto significativo da ausência de reconhecimento do cuidado doméstico como uma forma legítima de trabalho, muitas vezes não remunerado.

Em conformidade com a Resolução nº 02/2021, que estabelece os critérios para a defesa de dissertação dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação (CPGEO) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a estrutura da dissertação é composta da seguinte forma: uma introdução que apresenta os objetivos e uma metodologia aprofundada, seguida de um artigo que contém introdução, metodologia, resultados, discussão, considerações finais e referências bibliográficas. Ao final, encontram-se as considerações finais da dissertação, bem como as referências bibliográficas consultadas ao longo do trabalho, além de apêndices e anexos. O artigo foi elaborado em conformidade com as diretrizes contidas no Manual de Instruções para os Autores do periódico “Cadernos Pagu”.

## RESUMO

Este estudo contribui para as discussões que vêm sendo realizadas no Brasil, na América Latina e no restante do mundo acerca do cuidado doméstico, que, historicamente, tem sido atribuído predominantemente às mulheres e está intrinsecamente ligado às desigualdades socioeconômicas e raciais, o que resulta em um significativo impacto social pelo não reconhecimento desse cuidado como uma forma de trabalho remunerado. Este trabalho é um desdobramento de uma pesquisa anterior intitulada “As ocupações de mulheres velhas nos cotidianos de vulnerabilidade social”, que serviu de base para a presente investigação. Este Estudo Qualitativo Transversal objetiva compreender a percepção de três gerações de mulheres (avós, mães e filhas) sobre a configuração das relações de trabalho de cuidado doméstico em seus cotidianos dentro de uma comunidade em situação de vulnerabilidade social (Vila Marçola – Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, Minas Gerais). As participantes incluem duas filhas e duas netas de duas idosas entrevistadas na pesquisa anterior, que atenderam aos critérios de inclusão: serem filhas e netas das avós que participaram da pesquisa anterior; mães de qualquer faixa etária; netas com idade igual ou superior a 18 anos; e, como critério de exclusão, foram considerados fatores limitantes ou a falta de condições físicas, psíquicas ou contextuais que inviabilizassem a participação nas entrevistas. Para a coleta dos dados, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, cujos resultados foram analisados por meio da análise de conteúdo na modalidade temática. Os resultados revelaram a perpetuação do trabalho de cuidado doméstico não remunerado nas três gerações de mulheres – avós, filhas e netas, organizando-se nas seguintes categorias: a contextualização das vidas das avós, filhas e netas; as experiências de trabalho de cuidado doméstico não remunerado; as experiências e perspectivas sobre o trabalho de cuidado doméstico remunerado; a inserção do trabalho de cuidado doméstico realizado por mulheres no Brasil; e o aprendizado sobre cuidados em experiências geracionais. Com este estudo, foi possível observar que não houve mudanças significativas em relação às responsabilidades atribuídas às atividades de cuidado ao longo das gerações.

**Palavras-chave:** mulheres; cuidado doméstico; gerações; vulnerabilidade social.

## ABSTRACT

This study contributes to the ongoing discussions in Brazil, Latin America, and the rest of the world about domestic care, which has historically been predominantly attributed to women and is intrinsically linked to socioeconomic and racial inequalities, resulting in a significant social impact due to the failure to recognize this care as a form of paid work. This work is an extension of a previous study entitled “The occupations of older women in the daily lives of social vulnerability”, which served as the basis for the present investigation. This Cross-Sectional Qualitative Study aims to understand the perception of three generations of women (grandmothers, mothers, and daughters) about the configuration of domestic care work relationships in their daily lives within a community in a situation of social vulnerability (Vila Marçola – Aglomerado da Serra, in Belo Horizonte, Minas Gerais). The participants include two daughters and two granddaughters of two elderly women interviewed in the previous study, who met the inclusion criteria: being daughters and granddaughters of the grandmothers who participated in the previous study; mothers of any age group; granddaughters aged 18 or over; and, as exclusion criteria, limiting factors or the lack of physical, psychological or contextual conditions that would make participation in the interviews unfeasible were considered. Semi-structured interviews were used to collect the data, the results of which were analyzed through thematic content analysis. The results revealed the perpetuation of unpaid domestic care work in the three generations of women – grandmothers, daughters and granddaughters, organized into the following categories: the contextualization of the lives of grandmothers, daughters and granddaughters; the experiences of unpaid domestic care work; the experiences and perspectives on paid domestic care work; the inclusion of domestic care work performed by women in Brazil; and learning about care in generational experiences. With this study, it was possible to observe that there were no significant changes in relation to the responsibilities attributed to care activities throughout the generations.

**Keywords:** women; domestic care; generations; social vulnerability.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
1.1 Objetivo geral .....	20
1.2 Objetivo específico .....	20
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>21</b>
2.1 Participantes.....	21
2.2 Procedimentos e instrumentação .....	23
2.3 Análise de dados .....	25
<b>3. ARTIGO .....</b>	<b>26</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>68</b>
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	68
APÊNDICE B – Termo de autorização para utilização de imagem e voz .....	69
APÊNDICE C – Entrevista semiestruturada .....	70
<b>ANEXO.....</b>	<b>72</b>
ANEXO A - Parecer de aprovação da pesquisa pelo CEP .....	72



## 1. INTRODUÇÃO

Pensar sobre o cuidado provoca uma reflexão acerca da extensão e da complexidade do conceito, bem como sobre quem está envolvido no ato de cuidar e as razões que nos levam a cuidar. O cuidado está presente desde a origem da humanidade, acompanha a evolução dos tempos, coabita variadas formas de sociedade e permeia as discussões em diferentes campos de conhecimento e coletivos (Souza; Mariano, 2018). Dessa maneira, o cuidado é objeto de investigação por meio de distintas perspectivas teóricas, nos domínios da saúde, economia, sociologia, filosofia e antropologia (Souza; Mariano, 2018; Zelizer, 2011; Guimarães *et al.*, 2020; Montenegro, 2001; Oriá; Ximenes; Alves, 2005).

O conceito de cuidado é polissêmico e abrange múltiplos significados e interpretações. Cuns e Solari (2018) compartilham essa perspectiva, desconstruindo o conceito atrelado ao campo do emprego (como produção de bens e serviços e troca na economia de mercado), compreendendo-o como serviços que visam o bem-estar e a sustentação da sociedade. Como o cuidado se materializa na vida é diversificada. Durán Heras (2012) dialoga sobre o conceito de cuidado, especificando o trabalho de cuidado com pessoas dependentes, a execução de tarefas domésticas e voluntárias, no contexto familiar ou comunitário, entre outros trabalhos que não são necessariamente remunerados.

Na literatura, o cuidar se manifesta de diversas maneiras, sendo imposto à maioria das mulheres, atravessadas por uma conexão subjetiva com a identificação do gênero e os papéis assumidos invisivelmente por nós – mulheres. Ao abordar o cuidado e os achados na literatura, não há um consenso comum, observando-se uma amplitude em seus conceitos, com variadas linhas de abordagem – seja em uma interseção entre a literatura e a saúde pública – trata-se de uma temática examinada sob diferentes tensões e suas complexidades. Kergoat (2010) sugere, em seu estudo sobre a dinâmica e características das relações sociais, que a relação de cuidado se manifesta entre os grupos daqueles que cuidam e daqueles que recebem os cuidados.

Visto que tais diálogos apresentam implicações para o bem-estar social, compreende-se que os modos de produção do trabalho geram, historicamente, desigualdades sociais. O ato de cuidar, que é intensamente vivenciado por mulheres, é definido por Hirata (2016) como ações que englobam práticas materiais e psicológicas que envolvem o direcionamento para a execução dessas ações em atendimento às necessidades do outro, frequentemente realizadas em ambiente doméstico, privado, de forma gratuita e “por amor”. Nesse contexto, as atividades

realizadas geralmente não são reconhecidas como formas de “trabalho”, “ocupação regular” ou “profissão” (Guimarães; Vieira, 2020) – assim como quem as pratica não percebe como “obrigação de cuidar” (Guimarães; Vieira, 2020). Os trabalhos de cuidados diretos e indiretos operam em interação, onde os trabalhos físico e emocional sustentam a estrutura social.

Movimenta-se nesse circuito relacional, onde Guimarães (2019) irá inspirar e descrever como circuito relacional e/ou circuito de cuidado. A autora irá conceituar este circuito atuando em três dimensões: o cuidado como profissão, no qual foram apresentados estudos a respeito e as modalidades do cuidado; o cuidado como obrigação – aqueles realizados como “afazeres domésticos” (Guimarães, 2019) por mulheres, no qual o cuidar se associa à conduta do afeto, como amor e responsabilidade familiar, em um status familiar (avó, mãe e neta) de quem o executa. Simultaneamente, no circuito, encontram-se as ações de ajuda, que não necessariamente envolvem vínculo remunerado, tornando-se práticas de ajuda voltadas para a reciprocidade, grupo ou comunidade (Guimarães, 2019).

O modo como esta atividade se desenvolve na vida é diário. A mercantilização e a externalização do cuidado foram consequências do aumento do envelhecimento populacional e da inserção da mulher no mercado de trabalho (Hirata, 2016). Embora o trabalho de cuidado doméstico se caracterize por diversas confluências, pode ser remunerado, incluindo atividades destinadas à produção de bens e/ou serviços de cuidados realizados para terceiros em troca de pagamento e benefícios, relacionando-se como o trabalho de cuidado doméstico, cuidadores(as) de pessoas idosas e/ou com deficiências, babás e cuidadoras de crianças e adolescentes, profissionais de educação infantil e saúde, entre outros (Brasil, 2023). De maneira não remunerada, o trabalho de cuidado doméstico pode ser realizado em ambiente familiar e/ou comunitário, fora das relações laborais do mercado de trabalho – compreendendo funções como manutenção do domicílio e cuidado das pessoas do próprio núcleo doméstico e familiar, sem retorno financeiro (Brasil, 2023).

O tema do cuidado vem sendo amplamente debatido globalmente em decorrência do envelhecimento populacional, do cuidado com os dependentes, da pobreza e da escassez de cuidadores não remunerados, resultando, assim, no aumento da demanda por cuidados (Esping-Andersen *et al.*, 2002). O Brasil segue essa mesma tendência, com o aumento da população idosa e mudanças nos arranjos familiares, acompanhadas de desigualdades de gênero, classe e sociais. O que mais preocupa, entretanto, é que a responsabilidade pelo cuidado ainda recai principalmente sobre a figura da mulher, acarretando, desse modo, uma série de consequências na vida de quem cuida (Camarano, 2023).

Embora existam características comuns entre aqueles que assumem responsabilidades de cuidado, essa atribuição não ocorre de maneira homogênea em nossas sociedades. Suas responsabilidades estão conectadas a fatores como gênero, classe social, raça, idade, estado civil e território. A perpetuação das desigualdades de gênero no sistema de seguridade social provoca tensões entre as esferas familiar e profissional, impactando a trajetória de vida pessoal e laboral das mulheres. Como resultado, as mulheres continuam a assumir predominantemente as tarefas domésticas e de cuidado, muitas vezes de forma inviabilizada e sem remuneração (Cuns; Solari, 2018).

Com relação ao trabalho doméstico, Federici (2019) menciona o início da história da campanha por salários para o trabalho doméstico, em meados de 1972, na cidade de Pádua (Itália), com mulheres também da Inglaterra, França e Estados Unidos, em nome do Coletivo Feminista Internacional. O objetivo era instigar o Estado a reconhecer os afazeres domésticos como uma forma legítima de trabalho, não apenas como exploração naturalizada, uma vez que contribui para a produção da força de trabalho e gera capital – embora a sociedade frequentemente não o reconheça.

Nos países da América Latina, a intensidade deste debate manifestou-se tardiamente, especialmente no Brasil. Em virtude de tantas desigualdades, diversas pesquisas têm sido realizadas, conforme indicam as experiências em países latino-americanos que vêm desenvolvendo e implementando políticas nacionais de cuidados. Em torno de 2015, o governo do Uruguai tornou-se o pioneiro na aprovação de uma legislação que reconhece o direito ao cuidado, bem como a criação do Sistema Nacional Integrado de Cuidados. Trata-se de uma política prioritária e progressista, na qual o cuidado foi introduzido como um quarto pilar no que diz respeito ao bem-estar social, ao lado da saúde, educação e seguridade social. A corresponsabilidade social, a partir do cuidado, integrou-se em um debate no qual se percebeu a necessidade de assumir, coletivamente, a responsabilidade pela provisão de cuidados, referindo-se à responsabilidade compartilhada entre homens e mulheres e à prestação de cuidados no âmbito familiar (Batthyány; Perrota, 2024). Os fatores que possibilitaram essa implementação incluem a ascensão de um governo de esquerda comprometido com a agenda de gênero e a produção de pesquisas sobre o uso do tempo, sobre desigualdades na contribuição de homens e mulheres em tarefas domésticas e de cuidados não remunerados, junto aos movimentos da academia feminista e autoridades, fornecendo insumos para a formulação de políticas públicas, diante da incipiente institucionalização da abordagem de gênero no estado uruguaio.

Uma das realizações da Secretaria Nacional de Política de Cuidados e Família do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS) foi a aprovação do Projeto de Lei em dezembro de 2024 pelo Senado Federal, o qual institui a Política Nacional de Cuidados – resultado do trabalho coordenado pelo Ministério das Mulheres e MDS em colaboração com um Grupo de Trabalho Interministerial. Segundo a Secretária Nacional de Cuidados e Família do MDS, Lais Abramo, este Projeto de Lei foi resultado de uma demanda histórica da sociedade brasileira. Este Projeto de Lei estabelece que o cuidado é um direito universal, integrando as demandas e necessidades dos indivíduos e, finalmente, foi sancionado pelo Presidente Lula em 23 de dezembro de 2024. Esta política está centrada na responsabilidade de cuidado das famílias, do estado, do mercado e da comunidade (Brasil, 2023).

Já no Brasil, a formulação de uma política integral e integrada para assegurar o acesso universal ao cuidado resulta da criação da Secretaria Nacional de Política de Cuidados e Família, em meados de 2023. A Política Nacional de Cuidados, reconhece e assume o cuidado como trabalho, necessidade e direito. Seu objetivo é reorganizar e garantir os direitos das pessoas que necessitam de cuidados, bem como daqueles que prestam cuidados, considerando gênero, raça, classe social, etnias e territórios, além de promover a redistribuição das responsabilidades do cuidado entre família, sociedade civil, Estado e comunidade (Brasil, 2023).

No município de Belo Horizonte, Minas Gerais, também está em tramitação a Política Municipal de Cuidados, assumindo o cuidado como direito e responsabilidade compartilhada – com a formulação conjunta do Plano Municipal do Cuidado, que se baseia em uma perspectiva democrática, de justiça social e de ampliação da proteção social. O trabalho é realizado pela Secretaria Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania (SMASAC), que também é responsável pela coordenação do Grupo de Trabalho Intersetorial sobre Políticas de Cuidado, composto por representantes de diferentes políticas públicas municipais, contando ainda com a colaboração técnica entre o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome e a Prefeitura de Belo Horizonte. Assim, o município tem investido esforços na construção de parâmetros por meio de diagnóstico, participação social e articulações institucionais em diversos níveis de governo para ampliar a proteção social às pessoas que cuidam e àquelas que necessitam de cuidados. Em setembro de 2024, a Política Municipal de Cuidados foi sancionada (Prefeitura de Belo Horizonte, 2023).

Historicamente na sociedade brasileira, as atividades decorrentes do ato de cuidar tendem a ser atribuídas às mulheres e naturalizadas de uma maneira que aparentam ser

exclusivas e constitutivas da condição feminina (Guedes; Daros, 2009). O sistema escravista evidenciou que a experiência vivida por mulheres negras foi caracterizada por trabalho pesado e árduo, desde amas até escravas de brancos, e empregadas domésticas que prestavam serviços às mulheres brancas, de forma que exerciam suas funções na dependência do outro, em busca da própria sobrevivência e da de suas famílias (Azeredo; Azeredo; Brandão, 2019). Assim, há uma desvalorização do trabalho reprodutivo e manual no País, onde as trabalhadoras domésticas, até hoje, carregam o fardo simbólico de quem, no princípio da sociedade colonial brasileira, realizava esse trabalho: “trabalho de preto”, “trabalho de escravo” (Nogueira, 2017).

Segundo Bell Hooks, ao considerar o trabalho reprodutivo como o oposto do trabalho intelectual, a mulher negra ocupa, no imaginário social, a posição daquela que nasceu para servir, perpetuando o estereótipo de mãe preta, de mulher que se sacrifica e amamenta, suprimindo as necessidades de cuidado de todos que dela necessitam, especialmente dos mais favorecidos social e economicamente. As mulheres negras arquejam esse estereótipo não apenas em ocupações de cuidado remunerado, mas em qualquer profissão que exerçam (Hooks, 1995).

Damasceno (2011) examinou as características de inserção de indivíduos (predominantemente mulheres) autodeclarados negros e brancos no mercado de trabalho do estado do Rio de Janeiro em 1990. Por meio de uma “espécie de arqueologia”, a autora reconstrói os contextos de veiculação das mensagens por meio de anúncios de oferta e procura de emprego nas publicações jornalísticas do Rio de Janeiro – durante a década de 1940, conforme exposto a seguir:

PRECISA-SE 1) Cozinheira - Precisa-se de uma do trivial fino, que dê referência, prefere-se de cor [...] (JB/1940); 2) Precisa-se de moça de cor apresentada pelos pais [...] (JB/1942); 3) Precisa-se de empregada de cor, para arrumar e ajudar em outros serviços [...] (JB/ 1942); 4) Precisa-se de empregada de cor p/ todo serviço [...] (JB/1942); 5) Empregada - [...] de 16 a 18 anos, de cor, asseada e sossegada [...] (JB/1942); 6) Precisa-se de empregada de cor, moça ou senhora, de meia idade para cozinhar e fazer serviços de limpeza [...] (JB/ 1942); 7) Precisa-se de menina de cor para casa de família [...] (JB/ 1942); 8. Precisa-se casal de cor ou português de meia idade [...] (JB/1945); 8). Precisa-se de cozinheira de cor p/casal de tratamento [...] (JB/1945)” (Damasceno, 2011).

Percebe-se, no exposto acima, uma lógica social, cultural, política e econômica fundamentada na classificação de empregos e de trabalhadores por categorias raciais, assentada na inserção feminina no mercado de trabalho de cuidado doméstico e de pessoas. Batthyány, Genta e Perrota (2014) indicam um cenário potencial para romper com esse sistema tradicional e predominante, caracterizado pelos papéis tradicionais de gêneros na divisão sexual do trabalho, sendo a equidade social e de gênero, juntamente com a corresponsabilidade da família,

Estado e mercado, fatores essenciais para a ampliação dos espaços de atuação da mulher em outras dimensões da vida. Ávila (2010) compartilha a perspectiva do trabalho reprodutivo como pertencente ao âmbito do trabalho emocional, manual e rotineiro de cuidar daqueles que não conseguem realizar o ato de se cuidar, limpar e arrumar, cozinhar e alimentar, sem o devido reconhecimento social e valorização como atividade de produção, uma vez que, por não gerar lucro para uma sociedade capitalista, não é considerado um “tempo válido”. Este ofício, socialmente reservado para mulheres de baixa renda, em sua maioria negras no Brasil, é ~~então~~ como trabalho de manutenção da vida, sustentando a lógica de acumulação de capital (Federici, 2023). Para Hirata (2005), atos realizados por mulheres foram, por muito tempo, executados de forma gratuita e invisível.

A interseccionalidade entre as relações sociais se configura por dimensões associadas ao crescimento da desigualdade global, sendo que alguns grupos são mais vulneráveis a mudanças na economia global, enquanto outros auferem benefícios delas (Collins; Bilge, 2020). A intersecção de raça, gênero e classe social revela como a produção das desigualdades enfrentadas por mulheres negras, sobrecarregadas pela pobreza, com a responsabilidade de cuidar dos filhos e a falta de oportunidades profissionais dignas, resulta em um fardo opressor, capaz de moldar suas experiências no que tange ao acesso a emprego, habitação e riqueza (Crenshaw, 1991). De maneira interseccional, a convergência de classe e gênero se traduz em uma estrutura de intersecção entre desigualdades sociais e desigualdade econômica como medida global, o que torna alguns grupos mais vulneráveis que outros – contextualizando esta pesquisa, a desigualdade de salários e oportunidades em relação à participação das mulheres no mercado de trabalho sendo maior para mulheres negras (Collins; Bilge, 2020).

Renk, Buziquia e Bordini (2022) examinaram o cuidado exercido por mulheres no ambiente familiar e como essas mulheres expressam o sentimento associado ao processo de cuidar do outro, suas percepções, subjetividades e emoções decorrentes dessa relação, ressaltando a relevância em relação ao estudo aqui apresentado. Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas de caráter autobiográfico, envolvendo 18 mulheres que atuam como cuidadoras principais de familiares dependentes. O vínculo de parentesco das participantes com a pessoa cuidada é, em sua maioria, de filhas (68%), esposas (21%), netas e irmãs (5%). O perfil etário é composto por adultas com idades variando entre 41 e 60 anos (43%), idosas com mais de 60 anos (37%) e jovens adultas com idades entre 21 e 30 anos (22%). Trata-se de mulheres com nível educacional variado, sendo que a maioria (58%) completou o Ensino Fundamental, seguida por aquelas com ensino superior (30%) e 11% que completaram o Ensino Médio. Elas possuem profissões diversas:

32% atuam como agricultoras, 26% no mercado de trabalho formal (como funcionárias públicas, administradoras, cabeleireiras, entre outras), 26% são aposentadas, 11% são donas de casa e 5% são estudantes. Desse total, a maioria (61%) declarou que interrompeu suas atividades profissionais para dedicar-se ao cuidado do familiar em tempo integral, incluindo todas as agricultoras. Os resultados revelam que a gestão do cuidado e do envelhecimento permanece, em grande medida, sob a responsabilidade das mulheres. No contexto familiar, o trabalho não remunerado realizado por elas é naturalizado, reforçando a desigualdade na divisão do trabalho e contribuindo para a reprodução da força de trabalho dentro da estrutura capitalista. O ciclo de cuidado se perpetua ao longo da vida: na juventude, as mulheres se dedicam ao cuidado dos filhos; na fase adulta e na velhice, assumem as responsabilidades pelo cuidado dos maridos e pais. Independentemente do nível educacional, a responsabilidade pelo cuidado é relacionada à identidade de gênero, sendo percebida como um dever inerente à condição feminina. Para lidar com essa realidade, as cuidadoras adotam diferentes estratégias, como a naturalização do papel, aceitação e até mesmo a experiência de sentimento de culpa (Renk; Buziquia; Bordini, 2022).

O desenvolvimento das profissões voltadas para o cuidado, assim como a mercantilização e a externalização desse tipo de trabalho de cuidado, aliado ao aumento do envelhecimento populacional e à inserção das mulheres no mercado de trabalho, contribuiu para uma maior visibilidade e reconhecimento da atuação das mulheres como forma de trabalho remunerado. De acordo com Hirata (2005), atos realizados por mulheres durante muito tempo de forma gratuita e invisível obtêm reconhecimento como trabalho; no entanto, ainda são pouco valorizados sob a perspectiva salarial e social. É particularmente importante a distribuição de tempo em trabalho, remunerado ou não, uma vez que essa é a atividade que, de maneira geral, envolve a maioria do tempo das pessoas ao longo de sua vida adulta. O tempo se manifesta na vida cotidiana, associado às relações do mundo do trabalho, no qual desempenha uma função estruturante na organização econômica, política e cultural, sendo marcado pela desigual condição econômica e social da nossa realidade (Medeiros; Pinheiro, 2018).

O trabalho doméstico e de cuidado não remunerado é universalmente atribuído à responsabilidade das mulheres, mesmo na ausência de diferenças significativas em relação ao tempo que dedicam ao trabalho doméstico e/ou a outras ocupações. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) indica que, ao considerar a soma das jornadas de trabalho doméstico e de cuidados não remunerado no Brasil, as trabalhadoras domésticas têm uma jornada total de 52 horas semanais, o que implica que elas destinam, a cada semana, 52 horas a uma única forma de atividade (Pinheiro *et al.*, 2023). Não existem diferenças nas médias de horas entre as

diversas regiões do país, a localização da residência ou entre mulheres brancas e negras; as variações são mínimas, com jornadas totais mais longas predominantemente na região Sudeste, jornadas mais curtas no Nordeste e jornadas um pouco mais extensas entre as trabalhadoras brancas em relação às negras. No entanto, as maiores disparidades estão entre as trabalhadoras mensalistas e diaristas: enquanto as primeiras têm jornadas totais de trabalho de 56 horas semanais, as diaristas trabalham 10 horas a menos, o que, conforme observado anteriormente, está relacionado ao menor tempo que dedicam ao trabalho remunerado (Pinheiro *et al.*, 2023).

O trabalho doméstico e de cuidado remunerado continua a ser uma ocupação socialmente desvalorizada, com salários reduzidos para a categoria. Conforme o Programa Nacional de Amostra no Domicílio Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir de 2004, houve um aumento nas remunerações, embora de forma lenta. Mesmo assim, os valores pagos às empregadas domésticas permanecem baixos, com algumas disparidades regionais: nas regiões Norte e Nordeste, observam-se os menores salários; no Sul e Sudeste, os salários mais elevados – apesar do custo de vida nas primeiras regiões ser inferior. As diferenças salariais também variam dependendo se as trabalhadoras são diaristas ou mensalistas e se possuem ou não carteira assinada (Pinheiro *et al.*, 2023). Em relação ao recorte racial, as desigualdades são significativas: profissionais brancas recebem mais que as negras em quase todas as regiões, exceto no Centro-Oeste. Na região Sul, há uma acentuação das desigualdades (Pinheiro *et al.*, 2023).

Como o cuidado tem se configurado ao longo de gerações de mulheres? O que a literatura tem apresentado no campo dos estudos geracionais sobre mulheres e cuidado? Essas questões são essenciais para entender a transmissão intergeracional das responsabilidades de cuidado e como essa dinâmica se manifesta em distintos contextos sociais, históricos e econômicos.

Tomizaki (2010), fundamentando-se na Sociologia da Educação e citando Karl Mannheim em sua obra “*Estudo das gerações*”, apresenta conceitos acerca de como as gerações interagem com o que lhes é legado pelas anteriores. Mannheim sustenta que a sucessão geracional implica uma continuidade interminável de substituições, um fenômeno que integra fatores biológicos e socioculturais. Gerações distintas constroem e ocupam o mundo de formas variadas, demonstrando maneiras próprias de existir.

Palomo (2013) investiga os aspectos éticos do cuidado nas famílias, enfatizando que, mesmo entre mulheres que estão inseridas no mercado laboral, o cuidado doméstico, seja ele remunerado ou não, ainda é predominantemente atribuído a elas. A pesquisa etnográfica, realizada na Província de Sevilha, examinou três gerações de mulheres de uma mesma família,

na qual foram observadas suas percepções e estratégias em relação aos desafios do cuidado. As entrevistas revelaram que, independentemente da geração, as mulheres preservam vínculos de apoio mútuo, projetando um futuro onde também possam ser cuidadas. A cultura do "dar e receber" estrutura as relações intergeracionais, nas quais a transferência de recursos financeiros e afetivos exerce uma função central. Contudo, observa-se uma tendência de descontinuidade nas gerações mais recentes, que almejam maior autonomia e delegam o cuidado ao mercado ou ao Estado.

Batthyány, Genta e Perrota (2014) examinam o trabalho remunerado e as desigualdades de gênero em três gerações de mulheres no Uruguai. O estudo qualitativo e longitudinal, realizado pelo Departamento da Faculdade de Ciências Sociais em Montevideu, revela que, embora as mulheres tenham ingressado no mercado de trabalho, isso não resultou em uma distribuição equitativa das responsabilidades domésticas. Mulheres de classe média, identificadas como avós, não viam problemas em desempenhar as tarefas domésticas, enquanto aquelas de baixa renda enfrentavam uma dupla jornada de trabalho. A divisão tradicional dos papéis permanece, com a carga do cuidado recaindo majoritariamente sobre as mulheres.

No Brasil, Oliveira (2011) investigou as relações intergeracionais no Distrito Federal, examinando a transmissão de valores entre avós, pais e netos em 12 famílias de alta escolaridade e renda. Os resultados indicaram que os avós sempre desempenharam um papel central na família e, ao longo das gerações, têm se aproximado cada vez mais dos netos, estabelecendo redes de apoio mútuo.

Carvalho e Paiva (2009) investigaram a perspectiva de três gerações de mulheres heterossexuais, residentes na cidade de São Paulo, acerca do casamento. A pesquisa revelou que as mulheres mais velhas foram historicamente submissas aos maridos e priorizaram o cuidado com o lar e os filhos. Contudo, as gerações mais jovens demonstram um movimento de maior autonomia, adentrando no mercado de trabalho e possuindo maior liberdade na escolha da maternidade. A pesquisa enfatiza que a compreensão do papel da mulher na sociedade está indissociavelmente relacionada às experiências familiares e aos valores transmitidos ao longo das gerações. Souza e Mariano (2018) complementam essa análise ao ressaltar a relevância da educação formal como um elemento de transformação social, evidenciando que as novas gerações de mulheres brasileiras envelhecem de maneira distinta em relação a suas mães e avós.

Pesquisas recentes têm ampliado a compreensão do cuidado doméstico em diversas fases da vida. Investigações como as de Drummond *et al.* (2015) e Mendes *et al.* (2019) discutem a participação de crianças e adolescentes no cuidado domiciliar, enquanto Vieira,

Costa e Drummond (2024) examinam o papel das mulheres idosas em situações de vulnerabilidade social.

O estudo de Vieira, Costa e Drummond (2024), realizado na Vila Marçola, no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, Minas Gerais, explorou a percepção de mulheres idosas acerca de suas atividades diárias. A pesquisa, executada com 11 participantes com mais de 60 anos, revelou que a trajetória dessas mulheres foi marcada por imposições violentas, disfarçadas e naturalizadas, relacionadas ao gênero, classe social e raça. Os resultados indicam a centralidade do cuidado em suas vidas, classificado em cuidado doméstico, cuidado de outras pessoas e da comunidade, autocuidado e atividades emancipadoras.

Diante dessa realidade, emerge a questão a seguir: como se configura o trabalho de cuidado doméstico nas gerações subsequentes dessas mulheres em situação de vulnerabilidade social? Esta indagação se torna pertinente, pois a literatura existente ainda não investiga adequadamente essa temática no Brasil. Além disso, em dezembro de 2024, o país ratificou a Política Nacional de Cuidado, que enfatiza a igualdade de direitos no ato de cuidar e ser cuidado, bem como a garantia de condições dignas para o trabalho de cuidado, tanto remunerado quanto não remunerado, visando à preservação da cidadania.

### 1.1 Objetivo geral

Este trabalho objetiva compreender a percepção de três gerações de mulheres (avós, mães e filhas) sobre como se estruturam as relações de trabalho no cuidado doméstico em seus cotidianos repletos de vulnerabilidades sociais.

### 1.2 Objetivo específico

Especificamente, pretende-se entender as semelhanças e diferenças do trabalho de cuidado doméstico entre três gerações de mulheres do mesmo núcleo familiar, em um contexto de vulnerabilidades sociais.

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, pois quando o objeto de estudo é o próprio ser humano, a relação de conhecimento se estabelece entre iguais, uma vez que o objeto e o sujeito do conhecimento se encontram na mesma posição. Assim sendo, o critério de cientificidade se transforma na intersubjetividade, pois o conhecimento é construído tanto pelo sujeito quanto pelo objeto em uma relação dialética (Nogueira-Martins; Bógus, 2004).

Segundo Yin (2016), para se buscar uma definição de pesquisa qualitativa, são consideradas algumas possibilidades de estudo inter-relacionadas, que incluem investigar o significado da vida das pessoas dentro das condições em que vivem ao desempenhar seus papéis diários, retratar as opiniões e perspectivas dos participantes de um estudo e compreender as condições contextuais nas quais as pessoas se encontram. A pesquisa qualitativa é orientada pelo anseio de explicar o comportamento social humano por meio de conceitos pré-existentes ou emergentes, utilizando múltiplas fontes de evidências.

A pesquisa anterior que deu origem a este projeto, intitulada “*As ocupações de mulheres velhas nos cotidianos de vulnerabilidade social*”, recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (CEP/UFMG) sob o parecer CAAE 36344920.9.0000.5149, em 03 de novembro de 2020. Para a realização deste projeto, foi solicitada uma emenda à pesquisa, a qual foi aprovada pelo CEP/UFMG sob o parecer CAAE 36344920.9.0000.5149, em 09 de maio de 2024, possibilitando o início das entrevistas em campo.

### 2.1 Participantes

Participaram deste estudo duas idosas e suas respectivas filhas e netas, sendo que as duas idosas entrevistadas fizeram parte do estudo anterior e residem na comunidade da Vila Marçola do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, Minas Gerais, ou seja, a segunda e a terceira geração de mulheres do primeiro estudo realizado por Vieira (2021). Portanto, entre as três gerações do estudo, as avós já haviam sido participantes do estudo anterior, enquanto as filhas e as netas constituíram as novas participantes do estudo atual. Assim, participaram do estudo dois núcleos familiares, totalizando seis entrevistas: duas avós, cada uma acompanhada de suas respectivas filhas e netas. Os critérios de inclusão no estudo foram: ser filha ou neta das avós participantes da pesquisa anterior; mães sem limite de idade; netas com idade a partir de

18 anos. O critério de exclusão consistiu em fatores limitadores ou na falta de condições físicas, psíquicas ou contextuais que impedissem a participação nas entrevistas.

O processo de contato com as participantes foi conduzido pela pesquisadora principal deste estudo, que se autoidentifica como terapeuta ocupacional e é mestranda no Programa em Estudos da Ocupação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Elas foram apresentadas à pesquisadora por intermédio da informante da comunidade do estudo anterior. A informante é uma senhora que reside na comunidade há muitos anos e possui conhecimento sobre as pessoas, os costumes e a vida no Aglomerado da Serra. Ela se dispôs a dialogar presencialmente. O encontro e a conversa ocorreram em um espaço localizado na própria Vila Marçola, denominado “Seu Vizinho” – um projeto social associado ao coletivo que valoriza as singularidades e os saberes da comunidade do Aglomerado da Serra. Este espaço está situado em um prédio de dois andares que oferece áreas amplas para a realização de oficinas, setor administrativo e outros, sendo utilizado para e pela comunidade na promoção da arte, cultura e cidadania.

Entre prosas e risadas, consumimos um café e hidratamo-nos com água. Também contei com a presença da colaboradora e pesquisadora do Projeto durante esta conversa. Fomos entrelaçando recordações da pesquisa anterior com as avós e ajustando a forma de acesso até as filhas e netas. Foi efetuado contato telefônico e via WhatsApp com as mulheres para agendar o encontro presencial. Todos os nomes citados neste estudo são fictícios, visando à preservação de suas identidades. Nas tentativas de aproximação com as participantes, oito manifestaram desinteresse ou mostraram-se indisponíveis, alegando falta de tempo e/ou receio de comprometer o trabalho, por estarem participando de uma pesquisa que aborda o cuidado doméstico, tema que se relaciona com suas ocupações. S., filha de D. Fiinha, foi uma delas. Em uma ligação telefônica, revelou que ocupa um cargo público como cuidadora social e, por essa razão, temia participar da pesquisa: *“podem me mandar embora, se eu participar”* (sic) – mesmo eu, como entrevistadora, mediando e tentando deixar o mais claro possível o sigilo acerca de sua participação. Duas filhas de outra idosa foram contactadas por telefone e via WhatsApp.

Agendamos um encontro presencial com uma das filhas e a neta no centro cultural na comunidade sugerido por ela. Após pesquisar para conhecer melhor o espaço, organizei-me para ir ao local, no dia e horário combinados. Na ocasião, preparei, em uma sacola ecológica, um forro de mesa, alguns biscoitos de polvilho e um suco para levar – buscando criar um ambiente agradável para o diálogo e a entrevista. Assim, marcamos o encontro presencial com uma das filhas. Dando continuidade ao processo da entrevista, cheguei no local conforme

havíamos acordado e contatei a mesma para informar de minha chegada e aguardar por ela. Após alguns minutos, a filha da idosa enviou uma mensagem via WhatsApp, dizendo que não teria mais interesse em participar da conversa. Outra situação de não participação foi a de uma filha de uma idosa entrevistada anteriormente que havia falecido muito recentemente e, em respeito ao luto, optamos por não incluir a filha na pesquisa. Duas filhas de outras duas idosas têm netos menores de idade, os quais não atendiam aos critérios de inclusão do estudo.

A invisibilidade, o silenciamento e a omissão em relação às vivências e subjetividades das mulheres moradoras de periferia contribuem para uma reflexão sobre os inúmeros motivos que levam às negativas e/ou indisponibilidades, desinteresse e receios – das filhas e netas das idosas que não se dispuseram a participar deste estudo (Corrent, 2022).

Assim, das 11 idosas entrevistadas do primeiro estudo, participaram do estudo dois núcleos familiares e intergeracionais oriundos de duas idosas, sendo uma filha e uma neta do núcleo familiar da Sra. Ana e uma filha e uma neta da Sra. Natalina. O diálogo com essas mulheres iniciou-se enfatizando a importância de que seus relatos enquanto filhas, netas e de suas avós, que contribuirão para a análise e compreensão de como se configuram as dinâmicas do trabalho de cuidado doméstico nas três gerações da família. Destaca-se aqui o relato de uma das filhas participantes que possui relevância social: *“Vejo a importância deste trabalho, gosto de ser diarista, mas acho importante a ocupação, ser valorizada e respeitada com nossos direitos trabalhistas”* (Maria, filha de Dona Natalina).

A importância da visibilidade e valorização do cuidado doméstico para a reprodução, que se dispôs a contribuir com o estudo por considerá-lo uma causa social e de desenvolvimento econômico, torna-se urgente e necessária para a formulação de políticas públicas, compreendendo que na organização social do cuidado, as mulheres são as mais sobrecarregadas (Garcia; Marcondes, 2022).

## 2.2 Procedimentos e instrumentação

Foi realizado um levantamento bibliográfico das produções em formato de artigos científicos, em língua portuguesa e inglesa, nas bases de dados Scielo, BVS, Periódicos Capes, Lilacs, Pubmed, Estudos de Sociologia via periódicos e revistas de outras universidades como Uruguai e Chile, entre os anos de 2002 e 2024, além de capítulos de livros, livros e consultas a sites informativos como Governo Federal, Prefeitura de Belo Horizonte e afins. Foram utilizados os descritores: envelhecimento, intergerações, mulheres, interseccionalidade, vulnerabilidade social, cuidado doméstico e trabalho doméstico.

Em uma estrutura metodológica, a construção das histórias orais das participantes se fez presente por meio de entrevistas narrativas, envolvendo a imersão da pesquisadora no contexto social que está sendo estudado. Teixeira e Pádua (2006) afirmam que, em qualquer de suas modalidades, a entrevista situa-se nos territórios da pesquisa social – uma atividade humana dotada de sentidos, interesses, propósitos, envolta em conteúdos éticos, sócio-históricos, políticos e de responsabilidades sociais. Trata-se de um encontro sócio-antropológico, no qual o ato de fala/escuta ocorre em uma situação discursiva:

trata-se de um encontro entre sujeitos, onde cabe a formalidade, espontaneidade, confiança dos sujeitos que lhe emprestam suas histórias e vidas; confiam suas lembranças, sentimentos, pensamentos, dificuldades, sonhos – a delicadeza se faz presente, assim como as dimensões do tempo, lugar (Teixeira; Pádua, 2006).

Para tanto, este estudo fundamentou-se na condução de pesquisa social utilizando a oralidade e história oral, na qual recorreu-se, por intermédio das narrativas e interpretações das mulheres entrevistadas, a escutas sobre suas vivências, que generosamente elas cedem e confiam aos entrevistadores, que delas colhem não apenas os fatos, mas também os sentidos, sentimentos e significados de seus modos de ver e viver a vida. Este é um momento em que suas histórias, narradas por elas mesmas, devem ser reveladas, compreendidas, respeitadas, celebradas e, em seguida, guardadas e reservadas em acervos históricos como fonte documental em múltiplas vozes (Teixeira; Pádua, 2006).

As participantes identificaram-se pelo nome, idade, raça, tempo de moradia na Vila Marçola, escolaridade, estado civil, se possuem filhos ou netos, trabalho remunerado ou não, e discorreram sobre o contexto de vida, rotina e cotidiano em relação à percepção de como se configura o cuidado doméstico: quem se responsabiliza pela casa, com quem residem, participação no cuidado, como se apresenta a rotina, de que forma a divisão do trabalho doméstico é realizada, quais semelhança e diferenças observam no trabalho doméstico executado pelas três gerações de mulheres do núcleo familiar, além das relações com trabalho remunerado e tempo de lazer. As entrevistas com as avós foram realizadas em um estudo anterior (Vieira, 2021; Vieira; Costa; Drummond, 2024) por uma pesquisadora do mesmo grupo de pesquisa do presente estudo.

As entrevistas foram conduzidas em local que melhor se adequa às participantes. Devido à indisponibilidade de dias e horários para encontros presenciais, duas participantes optaram por participar da entrevista por meio de ligação telefônica. Com a autorização de todas as participantes, as entrevistas foram gravadas utilizando um aparelho celular e/ou gravador e,

subsequentemente, transcritas. Neste processo de construção dos dados, foi utilizado um diário de campo.

### 2.3 Análise de dados

Este estudo adotou como método de análise a análise de conteúdo na modalidade temática, que se caracteriza por compreender a partir de um conjunto de entrevistas por meio de categorias projetadas sobre os conteúdos. Não se considera a dinâmica e organização, mas sim a repetição dos temas extraídos dos conjuntos de discursos, os quais são considerados dados fragmentados e comparáveis (Bardin, 2016).

### 3. ARTIGO

#### **Trabalho de cuidado doméstico em três gerações de mulheres em situação de vulnerabilidade social**

Lyria Tâmera Rocha Porto<sup>1</sup>  
Adriana de França Drummond<sup>2</sup>  
Érica Dumont Pena<sup>3</sup>

**Resumo:** Este estudo analisa o cuidado doméstico no Brasil, que é predominantemente realizado por mulheres, e revela desigualdades sociais e raciais. A pesquisa foca em três gerações de mulheres em Belo Horizonte, com entrevistas envolvendo duas filhas e duas netas de mulheres idosas. As entrevistas tratam de questões específicas e mostram que o cuidado não remunerado é comum entre avós, filhas e netas. As avós enfrentaram dificuldades análogas às da escravidão, as filhas usufruíram de certas melhorias, e as netas experimentaram condições mais favoráveis e avançaram nos estudos. A conclusão é que o trabalho doméstico não remunerado permanece sendo uma tarefa das mulheres em todas as gerações, sem mudanças significativas.

**Palavras-chave:** Mulheres. Gerações. Trabalho de cuidado doméstico. Vulnerabilidade social.

#### **Domestic care work in three generations of women in situations of social vulnerability**

**Abstract:** This study examines domestic care in Brazil, which is predominantly performed by women, and reveals social and racial inequalities. The research focuses on three generations of women in Belo Horizonte, with interviews involving two daughters and two granddaughters of elderly women. The interviews address specific issues and show that unpaid care is common among grandmothers, daughters, and granddaughters. Grandmothers faced hardships analogous to slavery, daughters enjoyed certain improvements, and granddaughters experienced more favorable conditions and advanced in education. The conclusion is that unpaid domestic work remains a task for women across generations, without significant changes.

**Keywords:** Women. Generations. Domestic care work. Social vulnerability.

#### **El trabajo de cuidado doméstico en tres generaciones de mujeres en situación de vulnerabilidad social**

**Resumen:** Este estudio analiza el cuidado doméstico en Brasil, realizado predominantemente por mujeres, y revela desigualdades sociales y raciales. La investigación se centra en tres generaciones de mujeres de Belo Horizonte, con entrevistas a dos hijas y dos nietas de mujeres mayores. Las entrevistas abordan cuestiones específicas y muestran que el cuidado no remunerado es común entre abuelas, hijas y nietas. Las abuelas enfrentaron dificultades similares a la esclavitud, las hijas disfrutaron de ciertas mejoras y las nietas experimentaron condiciones más favorables y avanzaron en sus estudios. La conclusión es que el trabajo doméstico no remunerado sigue siendo una tarea de mujeres a lo largo de generaciones, sin cambios significativos.

**Palabras clave:** Mujeres. Generaciones. Trabajo de cuidado doméstico. Vulnerabilidad social.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. [tameralyria@gmail.com](mailto:tameralyria@gmail.com).

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

<sup>3</sup> Docente da Escola de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

## **Introdução**

O tema do cuidado tem sido amplamente debatido globalmente devido ao envelhecimento populacional, ao aumento do número de indivíduos em situação de dependência, à pobreza e à escassez de cuidadores não remunerados, resultando em uma demanda crescente por cuidados (Esping-Andersen *et al.*, 2002). O Brasil reflete essa realidade, apresentando um aumento no envelhecimento da população, mudanças nos arranjos familiares, acompanhadas por desigualdades de gênero, classe e sociais. O aspecto mais alarmante é que a responsabilidade pelo cuidado continua sendo atribuída às mulheres, o que gera uma série de consequências na vida daquelas que realizam essa função (Camarano, 2023). Em resposta a essas questões, o Brasil avançou na elaboração de uma política integral e integrada para garantir o acesso universal ao cuidado. Em 2023, foi instituída a Secretaria Nacional de Política de Cuidados e Família, que incorporou o cuidado ao campo das políticas públicas. Em dezembro de 2024, o Presidente Lula sancionou a Política Nacional de Cuidado, que trata, sobretudo, do imperativo das condições igualitárias de direito de cuidar e de ser cuidado, bem como das condições dignas de trabalho para o cuidado remunerado e não remunerado, com vistas à preservação da cidadania.

Em Belo Horizonte, Minas Gerais, também está em tramitação a Política Municipal de Cuidados, que considera o cuidado como um direito e uma responsabilidade compartilhada. Este processo tem se desenvolvido por meio da construção coletiva do Plano Municipal do Cuidado, orientado por princípios de democracia, justiça social e ampliação da proteção social.

Historicamente, na sociedade brasileira, as atividades de cuidado são atribuídas predominantemente às mulheres, sendo naturalizadas como inerentes à condição feminina (Guedes; Daros, 2009). O conceito de interseccionalidade foi criado em meados de 1989 pela jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw como uma crítica do feminismo negro quanto à inclusão de grupos invisibilizados e excluídos (Pereira, 2021). Crenshaw afirma que gênero, raça e classe, entre outros eixos de opressão (etnia, nacionalidade, religião, sexualidade, geração, habilidade/deficiência dependendo do contexto), caracterizam um sistema de discriminação. Neste contexto, a interseccionalidade será utilizada como uma contribuição para a análise das desigualdades e opressões, mas também como uma forma de expressões de identidades coletivas e laços de solidariedade em oposição a processos de submissão (Pereira, 2021).

O trabalho doméstico e o cuidado remunerado continuam socialmente desvalorizados, com baixos salários pagos à categoria e condições precárias de trabalho. Dados da Pesquisa

Nacional por Amostra no Domicílio Contínua (Pnad..., 2005) indicam que, desde 2004, houve um aumento nas remunerações, ainda que de forma lenta. Os valores pagos às empregadas domésticas permanecem baixos, apresentando algumas disparidades regionais: nas regiões Norte e Nordeste, encontram-se os menores valores; no Sul e Sudeste, os salários mais altos – embora o custo de vida nas primeiras regiões citadas seja inferior.

As disparidades salariais também estão associadas ao tipo de vínculo empregatício: se as trabalhadoras ocupam posições como diaristas ou mensalistas e, se possuem ou não carteira assinada (Pinheiro *et al.*, 2023). Ademais, observa-se um recorte racial significativo, uma vez que as trabalhadoras brancas recebem salários superiores aos das trabalhadoras negras em quase todas as regiões, com exceção da região Centro-Oeste. Na região Sul, as desigualdades raciais são ainda mais acentuadas (Pinheiro *et al.*, 2023).

Neste contexto, surgem indagações sobre como o cuidado se manifesta em diferentes gerações de mulheres e o que a literatura no domínio dos estudos geracionais tem revelado a respeito das relações geracionais e das práticas de cuidado.

Tomizaki (2010), fundamentando-se na Sociologia da Educação e nas reflexões do sociólogo e filósofo Karl Mannheim sobre o “*Estudo das gerações*”, apresenta o conceito de herança e transmissão entre gerações. Mannheim (*apud* Tomizaki, 2010) enfatiza que a sucessão geracional é um processo contínuo, que interconecta ritmo biológico e construção social. Gerações distintas vivenciam e interpretam o mundo de formas variadas, gerando maneiras específicas de presença na sociedade.

Batthyány, Genta e Perrota (2014) realizaram uma investigação sobre trabalho remunerado e cuidado, no Uruguai, envolvendo três gerações de mulheres e as desigualdades de gênero, em um estudo qualitativo e longitudinal. A pesquisa revelou que, entre as mulheres de classe média, há uma naturalização do trabalho doméstico e uma resistência significativa por parte dos homens em relação a essas atividades. Em contrapartida, entre mulheres de baixa renda, a dupla jornada – que engloba trabalho remunerado e cuidado doméstico – é predominante. Segundo a autora, em ambos os contextos, não foram observadas mudanças significativas na divisão sexual do trabalho doméstico.

Vieira, Costa e Drummond (2024) procuraram compreender a percepção de mulheres idosas sobre o cuidado em seus cotidianos em uma comunidade de vulnerabilidade social da Vila Marçola no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Para este estudo, foram selecionadas 11 participantes, todas mulheres idosas (com 60 anos ou mais), residentes na comunidade, sendo que os critérios de exclusão incluíram: manifestações de déficits cognitivos ou qualquer outro processo autodeclarado ou informado por familiares que

implicasse na capacidade de participar das entrevistas semiestruturadas. O gênero, a classe social e a raça perpassam a trajetória de vida dessas mulheres, marcadas por ocupações que ao longo da vida foram impostas de forma violenta, velada e naturalizada (Vieira; Costa; Drummond, 2024). Os resultados destacaram a centralidade do cuidado doméstico e familiar no cotidiano das participantes, categorizadas em cuidado doméstico, cuidado das pessoas e da comunidade, cuidado de si e ocupações emancipatórias.

A partir desses estudos, surge uma questão central: Qual é a configuração do trabalho de cuidado doméstico nas gerações subsequentes dessas mulheres em situação de vulnerabilidade social? Para sanar essa indagação, busca-se compreender a percepção de três gerações de mulheres (avós, mães e filhas) acerca de como se estabelecem as relações de trabalho de cuidado doméstico em seus cotidianos de vulnerabilidade social. De maneira específica, almeja-se entender as semelhanças e divergências do trabalho de cuidado doméstico entre três gerações de mulheres do mesmo núcleo familiar, em um contexto de vulnerabilidade social.

## **Método**

Trata-se de um estudo qualitativo transversal. Quando o objeto de estudo é o próprio homem, a relação de conhecimento se estabelece entre iguais, uma vez que o objeto e o sujeito do conhecimento coincidem. Dessa maneira, o critério de cientificidade passa a ser a intersubjetividade, considerando que o conhecimento é construído pelo sujeito e pelo objeto em uma relação dialética (Nogueira-Martins; Bógus, 2004).

A pesquisa anterior, que originou este projeto, intitulada “As ocupações de mulheres velhas nos cotidianos de vulnerabilidade social”, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (CEP/UFMG), sob o parecer CAAE 36344920.9.0000.5149, na data de 03 de novembro de 2020. Para a realização deste projeto, foi solicitada uma emenda à pesquisa, a qual foi aprovada pelo CEP/UFMG, sob o parecer CAAE 36344920.9.0000.5149, em 09 de maio de 2024, para o início das entrevistas em campo.

Realizou-se um levantamento bibliográfico das produções em formato de artigos científicos, nas línguas portuguesa e inglesa, nas bases de dados Scielo, Bvsalud, Periódicos Capes, Lilacs, Pubmed, Estudos de Sociologia via periódicos e revistas de outras universidades como Uruguai e Chile, abrangendo os anos de 2002 a 2024, incluindo capítulos de livros e livros, além de sites informativos como Governo Federal, Prefeitura de Belo Horizonte, entre outros. Foram utilizados os descritores: envelhecimento, intergerações, mulheres, interseccionalidade, vulnerabilidade social, cuidado doméstico e trabalho doméstico.

Em uma estrutura metodológica, a construção das histórias de vida das participantes foi realizada por meio de entrevistas narrativas, envolvendo a imersão da pesquisadora no contexto social que está sendo estudado.

Para tanto, este estudo fundamentou-se na condução de pesquisa social utilizando a oralidade e história oral, na qual recorreu-se, por intermédio das narrativas e interpretações das mulheres entrevistadas, a escutas sobre suas vivências, que generosamente elas cedem e confiam aos entrevistadores, que delas colhem não apenas os fatos, mas também os sentidos, sentimentos e significados de seus modos de ver e viver a vida.

As participantes identificaram-se com nome, idade, raça, tempo de moradia na Vila Marçola, escolaridade, estado civil, se têm filhos/netos, trabalho remunerado ou não, e discorreram acerca do contexto de vida/rotina/cotidiano em relação à percepção de como se configura o cuidado doméstico: quem cuida da casa, com quem mora, a participação no cuidado, como é a rotina, como se dá a divisão do trabalho doméstico, o que observam de semelhança e diferença no trabalho doméstico realizado pelas três gerações de mulheres do núcleo familiar, além das relações com trabalho remunerado e tempo de lazer. As entrevistas com as avós foram realizadas em estudo anterior (Vieira, 2021; Vieira; Costa; Drummond, 2024) por uma pesquisadora do mesmo grupo de pesquisa do presente estudo.

As entrevistas foram realizadas em local que proporcionou melhor conveniência para as participantes. Devido à indisponibilidade de dia e horário para um encontro presencial, duas participantes decidiram participar da entrevista por meio de ligação telefônica. Com a autorização de todas as participantes, as entrevistas foram gravadas utilizando um aparelho celular e/ou gravador e, subsequentemente, transcritas. Na construção dos dados, foi empregado um diário de campo.

### ***Participantes***

Das 11 idosas entrevistadas no primeiro estudo conduzido por Vieira (2021), participaram da presente pesquisa dois núcleos familiares e intergeracionais oriundos de duas idosas, sendo uma filha e uma neta do núcleo familiar da Sra. Ana e uma filha e uma neta da Sra. Natalina (nomes fictícios), residentes na comunidade da Vila Marçola do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, Minas Gerais, ou seja, a segunda e terceira geração de mulheres idosas. Os critérios de inclusão do estudo foram: ser filhas e netas das avós participantes da pesquisa anterior; mães sem limite de idade; netas com idade a partir de 18 anos. Como critério de exclusão, considerou-se o fator limitador ou a falta de condições físicas, psíquicas ou contextuais que impedissem a participação nas entrevistas.

O processo de busca de contato com as participantes foi realizado pela pesquisadora do presente estudo (terapeuta ocupacional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais), através da informante da comunidade, que foi apresentada pela pesquisadora principal do estudo anterior. A informante é uma senhora que reside na comunidade há muitos anos, possui conhecimento das pessoas, dos costumes e da vida no Aglomerado da Serra, contribuindo para o acesso e a aproximação com as mulheres.

### ***Análise de dados***

Este estudo utilizou o método de análise de dados denominado análise de conteúdo na modalidade temática, que se caracteriza por compreender as características, estruturas ou modelos subjacentes aos fragmentos de mensagens (Bardin, 2016).

## **Resultados e discussão**

### ***A entrada no trabalho de campo***

Ao iniciar a apresentação dos resultados desta pesquisa, compartilha-se como foi a imersão da pesquisadora na comunidade. Para ingressar em um local ao qual não se pertence e que até então era desconhecido, foi necessário realizar pesquisas, escutar, dialogar, formar parcerias e demonstrar um profundo respeito pelo espaço.

Conforme registrado em fontes virtuais, o Aglomerado da Serra, conhecido pelos moradores como “Serrão”, é constituído por diversas aglomerações de vilas e favelas (Aglomerado..., 2019). Outras referências, como Wandermurem (2023), indicam que o surgimento se deu a partir da recém-formada Belo Horizonte, na qual existiam chácaras que produziam hortifrutigranjeiros para abastecer a cidade. Com o passar do tempo, as chácaras passaram por transformações, e os espaços foram sendo ocupados por habitações irregulares, posteriormente formando vilas. Sua constituição está associada à migração e à ocupação do espaço por indivíduos oriundos do interior do estado de Minas Gerais. O Aglomerado da Serra localiza-se na encosta da Serra do Curral, na região Centro-Sul de Belo Horizonte, fazendo divisa com os terrenos do Hospital da Baleia e do Parque das Mangabeiras.

Após a coleta de informações como o número da linha de ônibus, horários e os pontos de embarque e desembarque, assim como a conferência dos materiais necessários e de uso para a realização das entrevistas em campo, realizei uma última verificação por meio da geolocalização para evitar ficar “tão perdida assim”, anoto. Senti um anseio pelo desconhecido e novo, sigo em frente. Um território em que o contato com os próprios moradores é a via para

obtenção de permissão e a entrada no campo. Existem históricos e relatos, por vezes estigmatizantes, que descrevem o Aglomerado como uma área de significativa vulnerabilidade social, violência e tráfico de drogas; no entanto, busquei direcionar meu foco a outras narrativas sobre o Aglomerado, caracterizando-o como um lugar que abriga iniciativas voltadas para o meio ambiente, cultura, inclusão social e para luta contra a desigualdade (Wandermurem, 2023).

No dia em que entrei na comunidade, embarquei no ônibus em direção a um dos locais previamente agendados para a primeira entrevista. Desde o instante em que me acomodei no assento do ônibus, comecei a estabelecer conexões com mulheres que encontrei no trajeto, que não participariam das entrevistas, e às quais dirigi a fala e a aproximação para solicitar informações acerca dos endereços do meu destino. De alguma maneira, de forma voluntária, elas me situaram no contexto e contribuíram para minha entrada na comunidade, com abertura, confiança e sensibilidade.

Durante a realização do trabalho de campo, registraram-se alguns atrasos que se originaram da própria condição de cuidadora da informante. As diversas responsabilidades assumidas por ela, tanto no que tange ao cuidado familiar quanto nas dinâmicas comunitárias, diminuíram seu tempo disponível para a pesquisa. Entretanto, o objeto de estudo manifestou-se nas diferentes mulheres da Vila Marçola, não se restringindo à condição de participante, mas se revelando a cada mulher que encontrei ao longo do percurso. Destaca-se, neste contexto, o respeito e a gratidão pela sua condição enquanto informante, por estar acessível para mim, seguindo como o elo até as filhas e netas das mulheres idosas.

Compartilho observações que ocorreram durante o trajeto até as filhas e netas das idosas a serem entrevistadas. Fui conectada a outras mulheres da Vila Marçola, que estavam dispostas a diálogos autênticos sobre suas rotinas relacionadas ao cuidado da família e do lar. O percurso até outro ônibus, uma linha interna que me conduziria próximo ao local de destino, foi extenso: é o tempo necessário para que esta senhora se sinta à vontade para compartilhar sobre si. Ao longo do caminho, ela vai revelando sua condição de saúde atual, em decorrência de um acidente doméstico que a forçou a se afastar do trabalho doméstico em uma casa de família, sem saber como manter as despesas da casa, como realizaria o cuidado do lar e de si mesma. Ela mencionou que estava aguardando a marcação do exame pelo centro de saúde. Apesar dessa situação, consegue esboçar durante o diálogo um sorriso no rosto, um olhar brilhante e disposição – na percepção de que “a vida continua” (*sic*). Madalena (nome fictício) estava dentro do ônibus, sentada ao meu lado, cantando. Ela olha para mim e sorri. A partir da minha reciprocidade, compartilha, apesar do canto, o cansaço após o trabalho. Relata que realiza

serviços gerais em um prédio, no centro de Belo Horizonte. Mesmo com o trabalho exaustivo, menciona que gosta do que faz. Ediléia (nome fictício), ao retornar de uma das idas à comunidade, senta-se ao meu lado. Ela estava conversando consigo mesma. Fica envergonhada ao olhar e perceber que está sendo observada por mim. Nesse momento, rimos juntas. Faço uma brincadeira sobre o cansaço do dia e do trabalho. Ela compartilha que é empregada doméstica há muitos anos em uma casa de família. Declara que realiza diversas atividades, incluindo cozinhar, lavar, passar, arrumar a casa, levar a criança à escola, participar de reuniões e, caso a patroa necessite, comunica que está disposta a dobrar seu turno de trabalho. Tem apreço pelo que faz, embora as condições laborais não sejam particularmente favoráveis para ela, informa que negocia com a patroa. Assim aconteceram também com outras mulheres, durante suas idas e vindas à comunidade, apresentando-se, compartilhando suas vidas, expressando o desejo de se casar em breve, mudar-se para outro bairro e proporcionar ao filho adolescente uma melhor oportunidade de vida, que não envolva a escolha do tráfico de “*escolhas erradas*” (*sic*). Sirléia (nome fictício) afirma que honra sua história de vida na comunidade, nutrindo grande respeito e admiração pelas pessoas, por tudo que vivenciou, mas atualmente anseia “voar alto” (*sic*). Vítima de violência doméstica durante sua primeira gestação, relata ter lutado para preservar o relacionamento ao longo dos nove meses de sua gravidez, visando oferecer abrigo ao filho diante das ameaças do ex-parceiro. Cuidou da gestação, do filho e do pai da criança. Após tanta dor, relata que atualmente organiza um grupo de mulheres na igreja, onde busca dialogar sobre maneiras de proteção contra a violência doméstica, orientações para a realização de sonhos, como o seu, que é tornar-se socorrista na prestação de serviço em um hospital de Belo Horizonte.

Já estava em trabalho de campo sem ter consciência disso. As mulheres a serem entrevistadas encontravam-se em todos os locais do Aglomerado da Serra. São marcadas pelo trabalho de cuidado em todas as suas dimensões. Ter a oportunidade de cruzar com essas mulheres, com seus olhares, interesses e a confiança para compartilhar suas histórias de vida e cotidianas de cuidado, trouxe-me valiosas reflexões e questionamentos acerca do papel da mulher na sociedade. Apesar das sobrecargas de cuidado que lhes são atribuídas, e que às vezes não lhes oferecem a alternativa de não as aceitar, elas revelaram de maneira magistral este espaço de luta, voz, presença e respeito, tanto dentro do Aglomerado da Serra quanto por minha parte, ao ter a oportunidade de ouvir suas vozes. Essas mulheres que conheci ao transitar pela região somam-se às mulheres que entrevistei, e assim, sinto uma eterna gratidão por cederem seu tempo, interesse e disponibilidade, além de abrirem suas casas e confiarem a uma “jovem estranha” – até então; mas com acolhimento, escuta, respeito e cuidado, foram capazes de

expressar-se conforme realmente são. Puderam compartilhar sobre si, seu cotidiano, a realização do cuidado doméstico no lar, dificuldades, facilidades, memórias e o resgate de como esse cuidado doméstico foi e continua sendo realizado por meio de suas avós, mães e nas casas atuais.

### ***Três gerações de mulheres: avós, mães e netas***

A seguir, é apresentado o perfil das três gerações de mulheres com a identificação/codínome, data de nascimento, religião, idade, raça, naturalidade, tempo de moradia na Vila Marçola, número de filhos e netos, estado civil, escolaridade, profissão, situação de trabalho e remuneração.

O Quadro 1 apresenta o perfil das participantes deste estudo. Para melhor visualização, o quadro está segmentado em categorias, sendo: codinomes ou nomes fictícios das avós, suas filhas e netas; data de nascimento; idade; raça; naturalidade ou origem; o tempo de moradia no Aglomerado da Serra; o número de filhos e netos; estado civil; escolaridade; profissão; situação de trabalho e finalizando o último item com a renda salarial. Além das categorias mencionadas, o quadro é dividido em Núcleo Familiar 1, que abrange a avó Ana, a filha Marta e a neta Sabrina. Ao lado, o Núcleo Familiar 2, composto pela avó Natalina, filha Maria e neta Bia – nomes que serão referidos ao longo do estudo.

No processo de entrevista, foi compreendida a percepção das três gerações de mulheres sobre como se configura o trabalho de cuidado doméstico em um contexto de vulnerabilidade social.

Quadro 1 – Perfil das participantes

Informações	NÚCLEO 1			NÚCLEO 2		
	Avó	Filha	Neta	Avó	Filha	Neta
Codínome	Ana	Marta	Sabrina	Natalina	Maria	Bia
Data de nascimento	11/12/1946	04/07/1965	26/11/1988	25/12/1941	25/02/1963	26/10/1985
Religião	Católica	Católica	Evangélica	Católica	Católica	Católica
Idade	78 anos	59 anos	36 anos	83 anos	61 anos	39 anos
Raça	Morena	Parda	Branca	Negra/amarela	Parda	Parda
Naturalidade	Alto de Santa Helena	Alto de Santa Helena	Belo Horizonte	São Geraldo de Taiumim	Tumiritinga	Belo Horizonte
Tempo de moradia no Aglomerado da Serra	50 anos	40 anos	35 anos	61 anos	5 anos	38 anos
Número de filhos	6	2	1	6	2	1
Número de netos	6	2	0	13	2	0
Estado civil	Casada	Viúva	Casada	Viúva	Casada	Solteira
Escolaridade	1ª série	4ª série	2º grau completo	Analfabetismo funcional	2º grau completo	Superior incompleto
Profissão	Doméstica	Diarista	Auxiliar de faturamento	Faxineira, cuidadora e catadora de lixo	Doméstica	Do lar
Situação de trabalho	Aposentada	Aposentada e renda extra	Funcionária CLT	Aposentada	Diarista	Desempregada
Renda (salário-mínimo)	1	1	2	1	1 e ½	Não possui renda

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

### *Contextualizando a vida das avós, filhas e netas*

Os trechos das declarações de Natalina, avó do Núcleo Familiar 2, refletem sua vivência em uma área rural, em suas diversas modalidades de habitação: “[...] Igual lá na roça, lá na roça eu já morei em casa de sapé, feito o teiado de sapé, tudo, pau a pique, em pé” (Natalina: avó – Núcleo Familiar 2). Natalina também descreve as dificuldades que enfrentou ao iniciar sua estadia de aluguel em Belo Horizonte, em condições de “favor”, na residência de outros indivíduos, assim como em um terreno “cedido” por uma igreja antes de edificar sua casa no Aglomerado da Serra:

... Aí a gente morava de aluguel lá no Floramar, no São Bernado, São Tomás – todos de aluguel e na casa de outras pessoas, pois não era minha não, não tinha. Morei no terreno numa igreja crente um ano, sem pagar aluguel, tudo era dos crente. [...] Vamos dizer assim, aqui é a igreja né? Aí tem esse cômodo ali assim ó, da igreja, aí eu fui morar nesse cômodo pra cuidar da igreja, pra todo dia que eles vier fazer o curto, a igreja tá limpinha e tudo. Quando o povo chegava, eles admirava, da limpeza que eu cuidava nos troço e num tinha nada né, num tinha nada que prestava, mas era ruim, mas o trem tava tudo assiadinho (Natalina: avó – Núcleo Familiar 2).

Ao estabelecer-se no Aglomerado da Serra, Natalina deu início à edificação de sua habitação enfrentando limitações financeiras e de acesso a infraestruturas essenciais:

Daí eu vim cá pra Serra e a gente foi, voltei pra casa da cunhada de novo. Voltei pra casa da cunhada, e aí a gente ganhou esse pedaço, meu marido ganhou esse pedaço de terra aqui e aí a gente construiu o cômodo, construiu um cômodo de lata. [...] Essas lata de querosene. É de querosene ou de tinta e fez teiado, de lata, teiado de plástico, e redó assim da casa foi tudo cercado com lata. E pra num fica feio dentro da... Dentro da casa, eu forrei tudo de jornal, fazia cola de farinha. Fazia a massa de farinha e aí passava assim nas lata assim ó, e pregava os jornal, ficava bonito. [...] E aí com o tempo a gente construiu o de tijolo, aí foi mudando devagazinho né? [...] buscava água, disso tudo num contava, mas nois buscava água lá no, que lá no Forróbeu ele chamava ali de Samarim. A gente buscava água ali, enchia taboro de água pros oto, cinquenta mirréis o taboro de 12 lata. Isso é vida? Já rodei muita água nessa praia aqui, lenha pra cozinhá na lenha (Natalina: avó – Núcleo Familiar 2).

Ela também compartilha os improvisos realizados em um cômodo que ocupavam na época, para satisfazer as necessidades alimentares da família:

Lata de óleo de coco, de dois quilo, dois quilo é dois litro. A gente comprava e cozinhava nessas lata, não tinha panela assim igual tem não. Eu não tinha, mas existia, existia, mas a gente não tinha condições de comprar, eu cozinhava era na lata, na lata de óleo de coco. Nessas leitera, aí eu tinha ganhado uma leitera que subiava, fazê arroz, a gente cozinhava e eu cozinhava no fogão à carvão (Natalina: avó – Núcleo Familiar 2).

Maria, sua filha, apresenta situações semelhantes às vivenciadas por sua mãe Natalina, nas quais, ao construir sua própria vida, já adulta, mais independente e casada, enfrentou dificuldades no acesso à água na comunidade e no uso de equipamentos mais rudimentares disponíveis na época:

Antigamente tudo era mais difícil, ficava cansada e esgotada, não tinha água encanada, o ferro era a carvão, tinha que subir e descer o morro com lata de água na cabeça. Hoje, as coisas facilitaram, tem máquina de lavar, ferro, fogão a gás (Maria: filha – Núcleo Familiar 2).

Hoje, no entanto, Maria menciona as facilidades resultantes da modernização e da aquisição de eletrodomésticos, que facilitam consideravelmente os cuidados com o lar, incluindo a casa própria, um quintal com plantações e criações como cães, passarinhos, um espaço para varanda, e energia elétrica. Ela também reside no Aglomerado da Serra, próxima à sua mãe.

Bia, filha de Maria e neta de Natalina, possui uma moradia independente, com infraestrutura superior, embora localizada no andar superior da casa da mãe, com o auxílio dos pais: “A casa aqui tem materiais com tijolo, cimento, brita, encanamento de água, rede elétrica. Tudo modernizou, o que antigamente não tinha. Meus pais ajudaram e, hoje, tenho a própria casa” (Bia: neta – Núcleo Familiar 2).

Assim, as casas de Natalina, Maria e Bia estão situadas na Vila Marçola, mais adentro da Vila, onde as ruas não são tão largas e o chão é feito de cimento batido, com várias casas próximas umas das outras. Natalina, a avó, traz um diferencial importante em sua fala, marcando sua dura história de vida repleta de dificuldades no acesso à moradia, alimentação e renda, ao longo de sua trajetória; o que, para Maria, sua filha, mesmo tendo ainda enfrentado dificuldades financeiras e de infraestrutura, relata uma melhoria no acesso à urbanização e à modernização dos equipamentos eletrodomésticos; já Bia, na geração neta, percebe, cada vez mais, facilidades na aquisição e uso desses equipamentos, além de já poder contar com o apoio financeiro e para a aquisição de sua própria moradia proveniente dos pais.

McCallum e Bustamante (2012) apresentam a construção cotidiana em uma área de baixa renda em Salvador. Conforme a autora, as residências construídas com tijolos, estruturas de cimento e ferro inacabadas, lajes que servem de suporte para outros andares, sem regulamentação de planejamento urbano, refletem características da autoconstrução realizada pelos próprios moradores. Ademais, conforme compartilhado pelo Núcleo Familiar 2, nas três gerações (avó, filha e neta), o processo de atribuir ao gênero feminino as atividades relacionadas às necessidades humanas, como o preparo dos alimentos, a lavagem de roupas, a higiene e o

cuidado das crianças, é um aspecto central da rotina nos bairros de baixa renda (McCallum; Bustamante, 2012). Entretanto, sugere-se que não se compreenda tal situação como um fator cultural, conforme relatado – esses processos originam significados e se tornam parte de uma dinâmica resultante da individuação e da conexão social – isto é, formados no interior das residências, que são, portanto, construídas e habitadas (McCallum; Bustamante, 2012).

Ana, a avó do Núcleo 1, após a divisão das terras com o pai e a herança recebida dele, juntamente com o marido, adquiriu o terreno enfrentando dificuldades na construção da casa e na obtenção de água, assim como a avó Natalina, do Núcleo 2:

[...] Meu pai já tinha morrido. Já tinha dividido as terra tudo com nois. Aí com a herança dele que nois recebeu, nois comprou a casa, né? Comprou os trem tudo. [...] É... Pra construir a casa. Pra fazer essas casa nossa. Enchia tambor de madrugada. [...] Pra construir isso aqui. Enchia tambor de água nas torneira, o povo ficava aquela brigaiada por conta de água, né? Ih, minha filha, a gente já sofreu. [...] Aqui, aqui tinha uma caixa, ó. Uma caixona enorme de água pra distribuir água pra favela. É. Aí minha filha eu sei que nois já sofreu. Nois passou uma vida quando nois veio pra aqui, minha filha. Menina, nois morou num combinho, por isso que eu falo pra ocê. Nois morou num combinho. Tinha uma cama assim, aí, arrumava a cama pras menina dormir, né? Aqui nois punha o nosso colchão. Não podia andar não, tinha que ficar na cama ali, porque não tinha lugar de pisar não. Quando nois veio pra aqui, lá naquele lado (Ana: avó – Núcleo Familiar 1).

Marta, filha de Ana, afirma que a aquisição de sua própria casa constitui uma conquista, mas não se compara às dificuldades enfrentadas por sua mãe e pai na Vila Marçola. Relata que, após seus filhos terem crescido e se tornado adultos, a casa passou a servir como abrigo para sua filha e seu esposo, recém-casados, assim como para seu filho e sua esposa com os netos que residiam no andar superior de sua residência:

[...] na minha época tiveram dificuldades financeiras, mas com luta, nós conseguiu comprar a nossa casinha, eu e meu esposo. Nós até ajudamo os menino. Meu filho morava com a esposa e os filhos lá em cima. E a menina com o marido, recém casados, também morou um tempo aqui, até se ajeitar (Marta: filha – Núcleo Familiar 1).

Atualmente, Marta encontra-se viúva e habita sozinha em sua casa própria, situada próxima à mãe e irmãos no Aglomerado. Trata-se de uma residência com cômodos amplos, de dois andares, arejada e com uma varanda repleta de plantas. Sabrina, filha de Marta e neta de Ana, já residiu com sua mãe, mas atualmente vive em casa própria com seu esposo, sua filha e uma cadela, nas proximidades do bairro de sua mãe e avó, ressaltando, entretanto, que está localizada em uma avenida principal, com acesso a comércio, transporte público e boa iluminação pública: “[...] aqui moram eu, meu esposo e minha filha. Antes morávamos com

minha mãe, hoje eu e meu esposo, temos a casa própria. Antes tinha dificuldade, para construir, morar, hoje as coisas facilitaram, emprego, renda” (Sabrina: neta – Núcleo Familiar 1).

No Núcleo Familiar 1, embora a avó Ana tenha enfrentado obstáculos desafiadores na construção de sua moradia, o que foi compartilhado por sua filha Marta e até mesmo por sua neta Sabrina, revela que houve melhorias nas condições de moradia e qualidade de vida, com suporte familiar: Ana herdou o terreno do pai e seu marido esteve presente no processo de construção da casa. Marta também passou por dificuldades financeiras; no entanto, seu esposo esteve ao seu lado, e a neta Sabrina, recém-casada, pôde ser apoiada na residência da mãe até conseguir estabelecer sua própria moradia.

Em todos os relatos do Núcleo Familiar 1 e do Núcleo Familiar 2, observou-se que a vida das avós Natalina e Ana, juntamente com as dificuldades enfrentadas no interior e a busca por melhores condições de vida, foram fatores determinantes para a mudança da família para a capital. Para ambas, esse processo não foi fácil: “arregaçaram as mangas” e, com determinação, foram trilhando seus próprios caminhos. As filhas Maria e Marta, mesmo enfrentando algumas dificuldades ainda persistentes dos modos de vida que suas mães (Natalina e Ana) adotaram, dispunham de alternativas mais viáveis, servindo até mesmo como abrigo para suas filhas Bia e Sabrina – netas de Natalina e Maria. Bia e Sabrina, as netas, puderam contar com apoio familiar para a aquisição de suas residências. Observa-se que essas gerações foram marcadas por histórias de vida, seja no tempo da avó, em que as mínimas condições de infraestrutura, o direito ao trabalho e o poder de compra da população eram ausentes, levando-as à condição de vulnerabilidade social. Apesar de se evidenciar melhorias na infraestrutura básica e no acesso a equipamentos que facilitam a realização do trabalho doméstico, todas ainda residem no Aglomerado da Serra.

Questões que merecem destaque entre esses núcleos são as privações socioeconômicas, históricas e culturais dessas famílias, decorrentes dos modelos políticos vigentes no País ao longo dessas gerações, que, ao isentarem o Estado do dever de garantir uma vida digna à população, concentram nas próprias famílias e comunidades a responsabilidade pela sobrevivência. Quando se escutam os relatos de muitas pessoas residentes em comunidades e favelas, percebe-se que a maioria delas é originária do campo e de cidades do interior, e, assim como algumas das mulheres participantes aqui, suas histórias não foram diferentes (Jesus, 2015).

Santos (2015) observa que o acesso desigual a recursos, sejam eles materiais ou simbólicos, tende a influenciar o contexto no qual as pessoas se desenvolvem e moldam sua subjetividade. Assim, cada classe social vivenciará uma socialização familiar específica, que

resultará em uma trajetória individual e coletiva para seus membros e sua classe (Souza, 2017). Dessa forma, Cabral (2023), ao abordar as condições de classe e a socialização familiar, não ignora as diferenças que podem ocorrer na trajetória individual dos membros de uma classe, mas ressalta que as reproduções sociais perpetuam a miséria estrutural de uma classe inteira.

Melo (2015) apresenta as transformações de investimentos nas cidades que ocorreram em meados do final do século XIX, associadas à Revolução Industrial. A compreensão de infraestrutura enquanto novas tecnologias de sistemas públicos consistiria em acessos à moradia popular, saneamento, sistemas de transportes públicos urbanos, iluminação pública, saúde e educação. De maneira geral, nas três gerações de mulheres, embora as gerações filhas – Marta e Maria, assim como as gerações netas Bia e Sabrina, tenham melhorado as condições de acessos aos sistemas de infraestrutura de serviços públicos, as quais as avós Ana e Natalina não tiveram na época, não houve mudanças significativas em relação às habitações no Aglomerado da Serra, onde residem em territórios periféricos que ainda são regiões marcadas por vulnerabilidades socioeconômicas.

### ***As experiências e percepções de trabalho de cuidado não remunerado das avós, suas filhas e netas***

A experiência de Ana, avó do Núcleo Familiar 1, ilustra como foi o labor, anteriormente iniciado na roça desde a juventude, de maneira manual, onde não havia distinção entre o trabalho realizado pelo homem ou pela mulher no plantio. No entanto, cabia a ela o trabalho de cuidado no lar, em casa de família e outras formas de buscar remuneração. Eis alguns trechos dessa vivência:

[...] Trabalhei muito na roça. Trabaiei muito no cabo da enxada. Quando eu era mais nova, que eu era sorteira, depois casei e trabaiei muito. Trabaia na roça igual homem mesmo. Fazia de tudo na roça. Plantava. [...] Eu dava sorte de mais. Depois eu peguei e fui costurar. Peguei costurar, fazer roupa pra vender. Eu trabalhava até tarde, assim, de noite pra...costurando. Depois que eu chegava do serviço ainda costurava. Fazia roupa pra vender pros outros. Precisa de ver, a minha... mas ocê precisa de ver: minha casa ficava cheia de costura, que eu costurava pra gente (Ana: avó – Núcleo Familiar 1).

Ana também menciona a preocupação com a continuidade do cuidado do filho com necessidades especiais, uma vez que sua morte acarretará a responsabilidade de trabalho de cuidado não remunerado para suas filhas mulheres:

[...] já nasceu doente já. E ele vai precisar de mim o resto da minha vida, né? E da vida dele ele vai precisar ou dos irmão, né? Cuidar, né? Porque na farta

de mim mais o pai dele, né? Tem que ter uma pessoa pra cuidar, né? Porque ele sozinho não tem jeito. Porque é muito difícil pessoa igual ele, assim. A gente... a gente até pensa, né? Deus me livre e me guarde, faltar uma pessoa, né? Assim, igual o pai e a mãe, as irmã que ele tem... tem responsabilidade, né? De cuidar dele (Ana: avó – Núcleo Familiar 1).

Marta, filha de Ana, também compartilha a experiência de que, depois de cuidar dos filhos e do lar, continuou zelando pelo neto, enquanto o filho ainda residia em sua casa com a família: “[..] Eu tinha uma neta que eu tomava conta dela, mas agora eles não moram aqui mais” (Marta: filha – Núcleo Familiar 1).

A neta de Ana, filha de Marta, Sabrina, compartilha sua percepção sobre o trabalho de cuidado doméstico não remunerado durante a época da avó e da mãe e, atualmente, como esse trabalho é organizado em seu lar voltado para a figura da mulher:

Antes a avó tinha mais responsabilidade, fazendo as atividades de tudo, cuidar da criação. A mulher era responsável por isso. A mãe faz de tudo também. [...] eu faço tudo, almoço, janta. Deixo tudo pronto e adiantado para casa. Acaba que sobra tudo para mim, casa e trabalho, mais devido as indisponibilidades de tempo, porque meu esposo trabalha viajando (Sabrina: neta – Núcleo Familiar 1).

Para Ana, Marta e Sabrina, o trabalho de cuidado doméstico não remunerado, exercido por elas de diversas maneiras – cuidado familiar, cuidado das crianças, cuidado do lar – sempre esteve presente, sendo predominantemente atribuído à figura da mulher. O que distingue este núcleo familiar é que a avó Ana apresenta outras formas para a geração de renda familiar, como a costura e a venda de roupas.

No Núcleo Familiar 2, Natalina também teve suas experiências de sobrecarga de cuidado em meio a pobreza, vindo, grávida, do interior para a capital, uma vez que o marido adoeceu e buscava assistência médica, tendo ainda os filhos a cuidar. Em nome da sobrevivência, os filhos, desde cedo, iam às ruas trabalhar e buscar a renda necessária para que tivessem o que comer:

Aí a gente morava lá no interior, meu marido doeu e num teve tratamento lá em Governador Valadare, na cidadinha lá num teve, aí o médico deu pra ele o tratamento, vim tratar aqui em Belo Horizonte, que desmaiava muito né? Aí então ele veio praí, e nele vim pra cá ficou na casa da irmã dele, cuidando da saúde e eu fique num lá tava grávida dum fio, que agora ele já tá com 50 ano. Aí eu ganhei esse menino, e aí ele deu xistosa, o médico falou que o verme que ele tinha chamava xistosa e o remédio que ele ia tomar era duas coisa: ou saúde ou morte. Mas tinha de tratar né? Tinha que tomar aquele remédio, mas ninguém dava nada que ia viver. [...] E num era fácil não, meu menino mais veio, ele saía todo dia de manhã, não tem essas cestinha assim? Que eles vende biscoito, esse povo vende na rua? Ele catava esterco de cavalo e vendia todo

dia, pra compra o pão pros otro comer, que a gente num tinha (Natalina: avó – Núcleo Familiar 2).

O trabalho de cuidado doméstico não remunerado e mal remunerado foi vivenciado por Natalina ao longo de sua vida e da vida de seus filhos:

Só de oiar menino e quebra aquelas pedrinha de fazer, de fazer bijuteria. Essas pedra de brinco, de anel, num tem? Aí a gente polia ele assim numa, num martelo. Arredondava tudo dela.[...] Que é assim, ocê pegava lá da empresa e arrumava os empregado pra trabaia, fazer isso. Eu e esse menino meu, era três que trabalhava assim, Ernesto, Edison e Sônia, os menino. Que era pequeno mas sabia.[...] Catava lixo, pra vender. Já catei muita lata, papelão, prego, vidro. A gente catava vidro e separava ele sabe? O vidro preto, do branco, do marelo, esse prego que a gente cozinha no fogão à lenha a gente juntava, essa época a gente vendia aquele trem tudo. Tudo que a gente separava a gente vendia, a gente vendia lá no terrela... eu vendia lá no terrela, e os quato menino, cada um em ia (Natalina: avó – Núcleo Familiar 2).

Natalina, desde a juventude e logo após seus filhos, com múltiplas carências, encontravam-se em situações de exploração da mão de obra infantil. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância – Unicef (2025), no último relatório publicado em sua terceira edição sobre a pobreza multidimensional na infância e adolescência no Brasil nos períodos entre 2017 e 2023, é informado que:

A pobreza na infância e na adolescência tem múltiplas dimensões, que vão além da monetária. É uma consequência da correlação entre privações e diferentes vulnerabilidades a que crianças se encontram visíveis e trazem prejuízos em seu desenvolvimento e bem-estar (Unicef, 2025).

Dando continuidade ao cuidado familiar e doméstico não remunerado, Natalina relata sobre o cuidado exaustivo com os curativos do marido e com o trabalho externo:

É, nunca ninguém ajudou nada não, só de casa memo. [...] fazia curativo três vez no dia, fazia de manhã, antes deu sair sabe? Pra trabalha. Aí a hora que eu chegava, agora ia lavar aquilo de novo, fazer curativo, pra depois ir mexer com armoço. Quando dava uma hora dessa assim, eu tinha que tá fazendo curativo de novo (Natalina: avó – Núcleo Familiar 2).

Maria, filha de Natalina, relata sobre o trabalho doméstico não remunerado que realiza em seu lar: “[...] Chego em casa, arrumo algumas coisas aqui e lá na casa das meninas e ajudo no cuidado do neto” (Maria: filha – Núcleo Familiar 2).

Bia, neta de Natalina, descreve sua experiência de cuidar do filho de 10 meses. Contudo, essa responsabilidade é compartilhada com a assistência dos pais: “Atualmente estou sem

trabalho, desempregada. Sou do lar. Tenho um filho de 10 meses, sou só eu e ele, não tem como trabalhar fora! Cuido dele e da casa. Quem sabe quando ele crescer?” (Bia: neta – Núcleo Familiar 2).

Nas experiências da avó, mãe e filha do Núcleo Familiar 2, observa-se a semelhança na provisão de cuidados domésticos não remunerados direcionados a elas, assim como na educação de seus filhos. As desigualdades e a sobrecarga da avó Natalina, entre o cuidado familiar e os afazeres do lar, junto aos trabalhos informais, são também vivenciadas pela filha Maria; no entanto, na geração da neta Bia, constata-se que ser mãe solo e conciliar o cuidado com a casa e o filho impede a busca por uma ocupação externa.

Souza (2015) demonstra que, no mundo contemporâneo, o modelo tradicional de família tem sido atualizado com configurações nas quais as mulheres estão na linha de frente da condução familiar, assim como os idosos na direção do cuidado, abrigando em seu núcleo os netos e bisnetos. Os novos arranjos familiares apresentam desafios diante das políticas sociais e de saúde, as quais necessitam adaptar-se na tentativa de oferecer um cuidado ampliado e equitativo (Souza, 2015). De maneira geral, nas gerações das avós Ana e Natalina, ambas foram mulheres que enfrentaram experiências desafiadoras de cuidar de duas pessoas dependentes, o marido e o filho, sendo provedoras do lar com grandes dificuldades diárias para assegurar a sobrevivência da família.

Na geração das filhas, Maria e Marta, ambas desempenham a função de cuidadoras informais de seus netos. A diferença entre elas reside no fato de que os pais e os netos de Marta não coabitam mais com ela, o que ainda é uma realidade para Maria. Quanto às netas Sabrina e Bia, observa-se a continuidade do trabalho de cuidado doméstico não remunerado em suas vidas. Embora Sabrina se esforce para contextualizar a sobrecarga dos cuidados na época da avó e da mãe, admite que, historicamente, não houve alteração no que diz respeito à delegação do cuidado doméstico não remunerado às mulheres, apresentando grandes dificuldades para conciliar isso com o trabalho fora do lar. Camarano e Pinheiro (2023) analisam como fatores políticos e econômicos obstruem e complicam o acesso a serviços de cuidados, como creches, colocando as jovens de baixa renda cada vez mais afastadas do mercado de trabalho e de novas perspectivas educacionais.

Federici (2019) enfatiza que a responsabilidade pelo trabalho doméstico recai sobre as mulheres, que lutam contra a exaustão física e emocional, sendo consumidas pelo trabalho e pela obrigação de oferecer cuidados, muitas vezes exercendo atividades profissionais fora de casa e, em algumas situações, abandonando seus empregos à medida que a demanda por cuidados aumenta.

Nota-se, ainda, que, na geração filha do Núcleo Familiar 2 há, no mínimo, uma divisão de tarefas relacionadas ao cuidado doméstico entre ela e seu esposo: “Ele espera alguém pedir. Quando eu peço, ele faz. Ajuda com as galinhas, os passarinhos. Põe água de café no fogo, faz a compra, paga as contas, ele gosta disso” (Maria: filha – Núcleo Familiar 2).

Também na geração seguinte, Marta, filha de Natalina, compartilha sobre o marido direcionar e delegar a ela o cuidado das crianças e da casa, enquanto ele executa o trabalho de forma remunerada fora do lar, provendo o sustento financeiro da família:

O meu marido, pelo menos ele gostava que eu me arrumasse, que eu fizesse uma unha e tudo era assim. Muito ciumento ele era. Ele era um marido muito enjoado, muito ciumento, mas gostava que a gente andava bem arrumadinho, né? [...] Meu esposo ajudava muito, ele não gostava de ver os meninos sujos, ele não deixava eu trabalhar fora, minha filha. E quando a gente casou, não, quando a gente casou, que a gente teve filho. Eu não gostava, trabalhava fora de jeito, Ninguém falava assim não. Mulher para cuidar da casa e dos meninos. Não quero ver meu. E eu também gostava de ver meus meninos sujos, não, Eu gostava de ver eles limpinho, mas era mais. Isso tudo eu aprendi com a minha mãe e a mãe também. Quando nós era pequena, ela não deixava nos andar sujo não, né (Marta: filha – Núcleo Familiar 1).

Bia, neta de Natalina, do Núcleo Familiar 2, expressa um novo olhar sobre a equidade na divisão das tarefas domésticas em relação ao gênero masculino: “Os homens agora estão ajudando nas tarefas da casa. Meu pai ajuda com as criação, com as plantas. A mãe trabalha fora e, ele ajuda a fazer a compra, pagar as conta” (Bia: neta – Núcleo Familiar 2).

Apesar de ser uma realidade ainda presente na contemporaneidade, antigamente, em um contexto histórico e social desigual, na divisão sexual do trabalho, os homens eram tipicamente vistos como “fortes”, associados à gestão instrumental, descritos como “provedores econômicos” para o lar, além de estarem à frente das questões do mundo público e político (Cuns; Solari, 2018). As mulheres eram quase que exclusivamente associadas ao papel de suporte emocional, sensibilidade – responsáveis pela criação dos filhos e das pessoas dependentes, e pelo cuidado com o lar, incluindo limpar, cozinhar, lavar roupa e afins. Com relação aos papéis desempenhados, torna-se evidente que, aos maridos, eram delegadas as tarefas ligadas à força do corpo, trabalho rural, e atividades externas ao lar, enquanto a elas cabia o cuidado interno da casa, dos filhos, criações e similares – embora várias mulheres também trabalhassem em plantações.

O tempo despendido em trabalho de cuidado doméstico destinado à casa e aos membros da família também se relaciona com os campos emocional, moral e social, sendo assim transmitidos e negociados entre as três gerações de mulheres, atribuindo importância e

significado a suas ações, baseadas nos princípios e valores que as fundamentam e sustentam, o que torna a análise da temática de cuidado doméstico complexa e ainda muito a ser estudada (Palomo, 2013). Assim, observa-se a presença marcante das mulheres no trabalho de cuidado doméstico não remunerado. A força de trabalho se concentra no gênero feminino, que realiza atividades voltadas para manutenção da vida, lavam, cozinham, mantêm limpas as dependências da casa e as roupas de seus moradores, além de se encarregarem do suporte emocional e afetivo (Fontoura; Pinheiro, 2009).

Natalina, avó do Núcleo Familiar 2, relata ainda quando ajudava uma vizinha com os cuidados domésticos de sua casa e a vizinha a auxiliava nos cuidados com seu filho, quando Natalina precisava levar a criança junto:

[...] Ela que fazia a comida assim dentro de casa, fogão dela lá ela memo que cozinava, mas ela usava fralda proque acho que fazia xixi toda hora né? Então usava fralda, mas pegava, ela oiava o menino pra mim poder lavar roupa dela (Natalina: avó – Núcleo Familiar 2).

O conceito de “circuito de cuidado” proposto por Hirata (2018), que discute as formas de cuidado remunerado (como profissão), o cuidado não remunerado (realizado por obrigação) e o cuidado que se presta (como ajuda), auxilia na compreensão da complexidade do trabalho de cuidado que permeia a vida dessas mulheres. O trabalho de ajuda, realizado por Natalina e recebido por outra mulher, configura-se como redes de reciprocidade estabelecidas entre os mais vulneráveis socialmente para a contratação de serviços. Trata-se, na maioria das vezes, de um trabalho invisibilizado, que, em primeira instância, é executado em áreas ou comunidades mais vulneráveis. O cuidado assume a forma de ajuda, a partir das relações informais, transitórias e negociáveis entre não parentes, que ocorrem para atender a situações emergenciais, fundamentadas na reciprocidade comunitária ou grupal. Conforme afirmam as autoras, essa vertente de cuidado reflete as condições limitadas ou ausentes do Estado – mediadas pelas lacunas ou fragilidades das políticas públicas na oferta de serviços de cuidado que sejam compatíveis com os diferentes grupos populacionais. O cuidado como obrigação, fundamentado no amor e na responsabilidade familiar, representa um conjunto de “obrigações sociais” estabelecidas, tecidas por níveis hierárquicos e relações de gênero e geracionais dentro do grupo familiar (Guimarães, 2019), claramente evidenciado nas relações de cuidado tecidas na vida das três gerações de mulheres dos três grupos.

*As experiências e percepções do trabalho de cuidado doméstico remunerado com as avós, suas filhas e netas*

No que tange ao trabalho de cuidado doméstico remunerado, Ana, avó do Núcleo Familiar 1, compartilha suas experiências em casa de família: “[...] arrumei uma casa de família e fui trabalhar. Trabalhava todo dia na casa de família lavando roupa e passando. Ficava o dia interinho passando roupa e lavando. E as muier gostava de mais de mim, menina” (Ana: avó – Núcleo Familiar 1).

Marta, filha de Ana, também relata sobre sua experiência enquanto diarista, assim como o reconhecimento da profissão e a garantia de direitos:

[...] A profissão de diarista merecia ser valorizada. Não tem carteira assinada, antigamente eu fazia um pouco de cada coisa, passadeira, serviços gerais, lavar, arrumar cozinha – hoje juntou tudo. Lá no meu trabalho, eu não sô maltratada, almoço com eles na mesa, eles gostam do que faço, só eu faço (Marta: filha – Núcleo Familiar 2).

Na geração das netas, Sabrina não apresenta a experiência do trabalho de cuidado remunerado; apesar de trabalhar de forma remunerada em outra ocupação, traz sua visão sobre a conquista da mulher em termos de autonomia, qualificação nos estudos e trabalho:

[...] A gente vai aprendendo uma com a outra, no passado, né? [...] no passado, antes, a mulher só ficava em casa, hoje, o esposo apoia a mulher, ela está mais disponível, vai no mercado, tem independência emocional, financeira, sai para conhecer os lugares, distrair (Sabrina: neta – Núcleo Familiar 1).

No Núcleo Familiar 2, a avó Natalina compartilha sobre a experiência do trabalho de cuidado remunerado no cuidado do lar e das pessoas:

[...] Dos oto nao, nunca peguei filho dos oto pra criar não. Sempre, tomva conta lá nesse lugar, eu tomava conta pra muié trabalha né? Mas dos oto nunca peguei não. [...] Aí eu já, aí eu já arrumei emprego, trabaivava na casa duma senhora, pra oia ela, pra arrumar a cama dela (Natalina: avó – Núcleo Familiar 2).

Maria, sua filha, inseriu-se no mercado de trabalho remunerado, com a ocupação de diarista:

Levanto as 04:30 da manhã. Ajeito o café, a casa arrumada. Às 06 horas da manhã, saio de casa, tomo o ônibus e saio para o trabalho. De segunda a sexta, faço os serviços de diarista, fixos em casa de família. Uma casa tem 35 anos que trabalho lá, cozinheiro, passo, arrumo a casa e, a outra tem 15 anos. Lá faço um pouco de cada coisa (Maria: filha – Núcleo Familiar 2).

Na geração neta, Bia não apresenta relatos referentes à experiência de trabalho de cuidado remunerado. Nota-se que em ambos os núcleos familiares, o trabalho de cuidado doméstico remunerado é realizado nas gerações das avós, com Ana e Natalina, abrangendo as atividades destinadas aos serviços de cuidado nas residências de famílias, assim como o cuidado das pessoas. Na geração das filhas, Marta e Maria exercem a função de trabalho doméstico de cuidado de forma remunerada enquanto diaristas. As netas, Sabrina e Bia, não mencionam tal profissão. Marta e Maria, filhas de Ana e Natalina, tiveram outras oportunidades além das de suas mães; em algumas circunstâncias, essas oportunidades foram até melhores, enquanto em outras, por diversos motivos, mantiveram o “legado” do aprendizado em relação ao cuidado doméstico, que se tornou uma profissão. Dessa forma, a mercantilização do cuidado foi se tornando evidente: de um cuidado por uma conduta subjetiva, vinculada à obrigação, ao amor e à responsabilidade familiar, transformou-se em um trabalho remunerado ao menos fora ambiente familiar (Guimarães, 2019).

À luz da interseccionalidade, de acordo com Hirata (2014), o gênero, a classe social, a raça e a idade moldam a trajetória de vida dessas mulheres, em especial na imposição do cuidado doméstico dentro de seus próprios lares e de forma não remunerada. A história dessas mulheres se entrelaça com a de tantas outras que são vítimas do trabalho análogo a escravidão, principalmente na geração das avós. Após anos dedicados ao trabalho doméstico, sem retorno financeiro, aos poucos elas foram ocupando outros espaços e descobriram, no trabalho nas casas de família, uma maior possibilidade de remuneração.

Diversos estudos têm evidenciado a transmissão intergeracional de renda como um fator significativo de desigualdade social referente às oportunidades. Uma pesquisa sobre mobilidade intergeracional no Brasil mostra que o país é um dos que apresentam os índices mais altos de desigualdade social, sendo que o grau de permanência associado ao status econômico entre gerações é fundamentalmente estabelecido pela persistência da desigualdade ao longo do tempo: filhos de pais ricos tendem a ser igualmente ricos e filhos de pais pobres tendem a ser igualmente pobres (Pero; Szerman, 2008). A desigualdade nas oportunidades educacionais torna-se um fator influente e determinante na reprodução intergeracional das desigualdades sociais, destacando a educação como um meio importante de progresso e/ou melhoria na mobilidade social e econômica (Costa; Mendes, 2013).

Essa realidade vai ao encontro das reflexões de Hammel (2020) ao indicar que as oportunidades são distribuídas de maneira desigual, sendo necessário desconstruir as escolhas que as pessoas fazem em suas vidas. Este ofício, socialmente destinado a mulheres pobres, majoritariamente negras no Brasil, é compreendido como um trabalho de manutenção da vida,

sustentando a lógica da acumulação de capital (Federici, 2023). Assim sendo, o trabalho de cuidado doméstico não se configura como uma escolha feita de maneira natural ao longo da vida dessas mulheres.

Todo o labor realizado no espaço familiar de maneira não remunerada, para assegurar a reprodução da vida, abarca atividades relacionadas às pessoas – especialmente aquelas que dependem diretamente de cuidados como animais e plantas, bem como as tarefas de lavar, cozinhar, limpar e gerenciar o lar, sendo designadas como trabalho de cuidado, trabalho doméstico e de cuidado não remunerado, trabalho reprodutivo e trabalho não pago, os quais permeiam o mundo econômico. Este novo campo é denominado economia do cuidado, onde o trabalho de cuidado não remunerado não apenas se integra ao sistema econômico, mas se revela essencial para a própria existência (Camarano; Pinheiro, 2023).

A análise das relações de cuidado refletidas durante a pandemia evidencia a vulnerabilidade e a desigualdade social e econômica, na qual a centralidade do cuidado é direcionada à figura da mulher e às possibilidades desiguais de exercer o ato de cuidar. Guimarães e Hirata (2020) apresentam os desafios e as desigualdades que se manifestam no trabalho de cuidado na América Latina. Com relação ao Brasil, as autoras compartilham a realidade das trabalhadoras domésticas e das cuidadoras – sendo a maioria mulheres negras e pardas. Segundo elas, há aspectos relevantes a serem destacados, como o reconhecimento do cuidado enquanto uma ocupação por parte do Estado, de modo a integrar a Classificação Brasileira de Ocupação, proporcionando visibilidade para pesquisas sociodemográficas brasileiras. Após a mobilização dos cuidadores, a luta pelo reconhecimento da profissão em prol e as formas de exercício que compõem a profissão; a distinção entre cuidador doméstico e empregado doméstico, o aumento no número de idosos dependentes e, conseqüentemente, o crescimento acelerado da comercialização do cuidado no Brasil (Guimarães; Hirata, 2020).

Nos últimos anos, é necessário observar avanços nas conquistas de gênero, com muitas mulheres buscando educação, qualificando-se e ingressando ativamente no mercado de trabalho, como se constatou nas entrevistas realizadas com as netas: todas escolarizadas, exceto a neta de Natalina (Bia), que também teve a oportunidade de ingressar no curso superior, mas não conseguiu concluir. Entretanto, alguns estudos indicam que esses avanços, muitas vezes, não têm acompanhado a redução e/ou divisão da carga de trabalho doméstico entre homens e mulheres. Batthyány e Perrota (2024) relatam que o debate em torno do cuidado se tornou algo mais complexo, transpassando o cuidado direcionado de forma privada no seio familiar, para a ampliação da discussão junto à comunidade e à esfera pública dos Estados de bem-estar. As autoras enfatizam que o bem-estar de qualidade e a proteção social dos membros de uma

sociedade dependem da divisão das responsabilidades relativas ao cuidado entre Estado, mercado, famílias e comunidade, de maneira equitativa. Os desafios surgem quando se considera o gênero, pois as mulheres ainda são vistas como as principais fornecedoras de bem-estar nas famílias, enfrentando dificuldades para inserção e manutenção no mercado de trabalho, assim como em sua convivência com os pares masculinos na combinação do trabalho produtivo e reprodutivo.

No Brasil, a trajetória das trabalhadoras domésticas avança com um marco histórico estabelecido em 02 de abril de 2013, referente aos direitos dos trabalhadores domésticos, por meio da promulgação da Emenda Constitucional nº 72, a qual é conhecida como PEC das Domésticas. Tal Emenda representa um avanço significativo na legislação brasileira, proporcionando aos trabalhadores domésticos o reconhecimento de direitos fundamentais e a luta pela valorização da categoria. Com a vigência da PEC, foi aprovada a Lei Complementar 150/2015, que regulamenta a Emenda Constitucional nº 72 – introduzindo benefícios relevantes, como o direito ao Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), seguro-desemprego, salário-família, adicional noturno e adicional de viagens (Brasil..., 2024).

No dia 1º de maio, foi promulgado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva o Decreto 12.009/2024, que incorpora à legislação brasileira os textos da Convenção 189 sobre o Trabalho Decente para as Trabalhadoras e os Trabalhadores Domésticos e da Recomendação 201 sobre o Trabalho Doméstico Decente, oriundos da Organização Internacional do Trabalho (OIT). A Convenção 189 estabelece direitos fundamentais e reconhece a valiosa contribuição dessas pessoas para a economia e para a sociedade, com o país oficializando tais compromissos em seu ordenamento jurídico interno, reiterando seu empenho na valorização e no respeito pelos direitos das trabalhadoras e dos trabalhadores domésticos. Esta categoria abrange aqueles que desempenham suas funções em uma residência, por mais de dois dias na semana, sem gerar lucro direto para o empregador. Inclui, portanto, uma variedade de profissões, como caseiros(as), faxineiros(as), cozinheiros(as), motoristas, jardineiros(as), babás e cuidadores(as) de idosos, pessoas doentes ou com deficiência.

No site do Tribunal Superior do Trabalho (TST), encontram-se dados obtidos pela Pesquisa Nacional por Amostra por Domicílio (Pnad) de dezembro de 2023, que indicam que cerca de 6,08 milhões de pessoas exercem atividades domésticas. Mais de 90% dessas pessoas são mulheres, em sua maioria negras, com uma idade média de 49 anos. Entretanto, somente um terço possui carteira assinada e, em média, recebe um salário-mínimo. Conforme relatado pela pesquisa, o desafio da informalidade ainda permeia esse mercado de trabalho,

evidenciando a necessidade de uma implementação efetiva dos direitos estabelecidos nas legislações e na Constituição Federal (Brasil..., 2024).

### *Aprende-se a cuidar em experiências geracionais*

No que tange às relações de cuidado, atravessando a geração avó, filha e neta, de ambos os núcleos familiares, ainda é perceptível a continuidade do cuidado com o outro e com o lar, dentro do ambiente familiar, transferido de mãe para filha desde tenra idade:

E eu tinha uma menina também, a mais nova, porque as outras duas começou a trabalhar cedo. Essas outras duas que tem aí. A outra mais nova minha, a Nenê que é a caçula das mulher, ela cuidava do menino pra mim. Do mais novo que eu tive depois do Zé. Com 11 ano eu ganhei esse menino. Esse que é daqui da cidade. Aí ele... ela olhava ele. Cê precisa de ver que gracinha. Ela era novinha. Com 10 ano, menina, ela cuidava do irmão e eu trabalhava nas casa de família. Quando ele era novinho eu levava ele, porque as mulher gostava tanto de mim que ela não importava nem quando eu levava o menino. Aí, quando ela saia da escola, ela ia pra olhar ele pra mim trabalhar. Lá ele ficava na banheira. Ficava na banheira, deitado na banheira e ela lá ajudando a olhar ele e ainda ajudava a olhar até a da menininha da muier. [...]E cuidava da casa quando eu não tava. Quando eu chegava a casa tava tudo arrumadinho. Roupa no varal parecia que tinha uma dona. Precisa de ver que gracinha. Mas tudo foi trabaideira, minhas menina. Tudo me ajudou. Mas pegou, também, pra trabaia em casa de família, tudo novinha (Ana: avó – Núcleo Familiar 1).

A avó Ana, do Núcleo Familiar 1, reforça o trabalho de cuidado doméstico não remunerado, além de compartilhar sua experiência desde jovem de cuidar, incluindo sua compreensão sobre o papel a ser assumido pela mulher como mãe, cabendo a ela a responsabilidade de cuidar. Assim como sua avó cuidou, ela cuida e cuidará:

... mãe é pra toda obra, tem que olhar. Porque a gente que é mãe, não abandona/desde nova, as filhas começaram a trabalhar em casa de família – puxou a mãe/a avó também cuidou das irmãs, quando a mãe morreu, casaram cedo (Ana: avó – Núcleo Familiar 1).

Sua filha, Marta, compartilha a experiência de quando a mãe exercia sua profissão e ela e as irmãs eram responsáveis pelos irmãos mais novos, englobando o cuidado doméstico: “... a mãe também trabalhava, trabalhava. Aí as filhas que era maior, cuidava dos menores, né? E aí, como fazia o almoço, a outra dava banho nas crianças. Era assim mesmo” (Marta: filha – Núcleo Familiar 2).

Sabrina, neta de Ana, expressa sua visão sobre a continuidade da função de cuidado doméstico de forma geracional, considerando-a “afetuosa”. Quando as mulheres continuam em

suas residências e se reúnem para cozinhar juntas: “A gente reúne para cozinhar, a mãe, a vó e eu e, costumamos almoçar juntas” (Sabrina: neta – Núcleo Familiar 1).

Compreender as estruturas familiares e suas transformações é imprescindível para facilitar a interação entre gerações, seu funcionamento e as transferências de cuidado. Na gestão do cuidado, os diversos arranjos familiares impõem desafios e ajustes familiares distintos, moldados por diferenças culturais (Camarano; Pinheiro, 2023).

Em relação ao cuidado, observa-se semelhança na geração das filhas, quando a responsabilidade do cuidado doméstico é repassada a elas pelos filhos, ao deixarem sob suas responsabilidades os netos em suas residências.

O autocuidado foi frequentemente negligenciado por essas mulheres, as avós, e talvez também por suas filhas em determinados momentos da vida, não sendo escolhas pessoais, mas uma orientação desde jovens para cuidar do outro, seja primeiramente em uma forma não remunerada, passando posteriormente a ser trabalho doméstico remunerado. Após anos dedicados ao cuidado, no período da aposentadoria e já no processo de envelhecimento, elas tentam redirecionar o foco do cuidado exclusivo para os outros, voltando-se mais para si mesmas. Nota-se na geração avó, Natalina, diante de uma nova oportunidade, essa experimentação em atividades como bordado, pintura e a inclusão do estudo/alfabetização: “Aí depois que eu aposentei eu peguei o... bordar né? Bordá, pintá e estudá ué. É os, esses resto de ano pra cá, aí porque, eu estudei lá num tiago, uns tempo também. [...]” (Natalina: avó – Núcleo Familiar 2).

Ana, da geração das avós, relata sobre a realização de atividades significativas após a conquista da aposentadoria e a possibilidade de aproveitar o tempo:

[...] Mas agora, pra mim, depois que eu aposentei, foi bem melhor, né? Porque de primeiro eu não tinha, eu tinha que ralar na casa de família, né? (Riso). [...] Ah, hoje em dia eu penso assim: eu gosto de mexer lá na roça. Eu adoro tá mexendo com as pranta, com as criação. Da galinha, todo hora que a galinha canta que bota. Aí, coier os ovos lá, igual agora o dia que eu tava lá. Nossa, aqueles balaio de ovo assim, ó. Mas morreu quase tudo, minhas galinha. Aquilo pra mim, ai. Eu chego lá, assim, aquela alegria de mexer com as pranta minha. Eu gosto demais. É a coisa que eu mais gosto (Ana: avó – Núcleo Familiar 1).

Como também na geração das filhas, conforme mencionado por Marta, filha de Ana, atualmente viúva, residindo sozinha, aposentada e continuando o trabalho doméstico remunerado para garantir uma renda extra, criou oportunidades de autocuidado com atividades significativas para si: no lazer, no dia a dia, reserva tempo para descansar, assistir televisão,

cuidar do corpo, frequentar aulas de ginástica, pintar as unhas e sair com as amigas para tomar uma cerveja:

[...] mas agora eu tô cuidando só de mim e só da minha casa. [...] Ah, eu gosto de me cuidar para me sentir bem, né? Eu gosto, igual, eu gosto de fazer uma atividade, né? Agora eu vou na ginástica, fazendo a minha saúde que é bom, né? Aham. Aí o que a gente pode fazer... é... gosto de passar um creme para ficar bonita, né? Fazer uma maquiagem pra gente ficar bonita (risos) [...] cuidar das unhas, do cabelo (risos) (Marta: filha – Núcleo Familiar 1).

No contexto que posiciona a mulher como uma das principais responsáveis pela gestão do cuidado em suas famílias, que consistia em alimentar, vestir, medicar, higienizar e dedicar afeto aos filhos e maridos, assegurando-lhes saúde e bem-estar (Dias, 2022); a função das avós Ana e Natalina, incumbidas da responsabilidade de cuidar, impunha limites ao autocuidado, dado o comprometimento com as necessidades básicas da família. Nas gerações seguintes, Marta, filha de Ana, após supervisionar a família e os netos, inicia um processo de autovalorização, com a introdução de atividades significativas, como a ginástica, o cuidado com as unhas e cabelo, e o lazer. Maria, filha de Natalina, não se pronuncia a respeito. As netas de Natalina e Ana (Bia e Sabrina), igualmente, não abordaram essa questão, tendo relatado que seu tempo em casa era dedicado ao trabalho de cuidado doméstico não remunerado. Em investigações sobre mobilidade social, destaca-se que a escolaridade é um fator preponderante na posição social do indivíduo, onde ocupar posições de prestígio em uma sociedade tradicional induz a uma dependência em relação à herança familiar (Brito; Fernandes; Helal, 2013).

Nota-se que os projetos de vida relacionados à inserção e participação em atividades significativas com as avós, Natalina e Ana, foram desenvolvidos após a conquista da aposentadoria. De acordo com Dumont (2012), pertencer a determinada posição social, conectada aos fatores gênero e etnia, constitui marcadores sociais que influenciam a vida das pessoas em relação às suas possibilidades de acesso a recursos e experiências. Quanto ao sucesso profissional que se distancia do estado de dependência familiar, este é apontado como uma potencial alternativa, um caminho viável e individual, fundamentado no esforço e mérito do indivíduo, que constituem determinantes para suas chances de mobilidade social, caracterizado como um modelo de organização social meritocrático (Brito; Fernandes; Helal, 2013). Com as transformações oriundas do mundo contemporâneo e novas configurações nos núcleos familiares, juntamente com a oportunidade da aposentadoria, as avós Ana e Natalina, ancoradas em um modelo tradicional de relações de gênero e cuidado, e, por sua vez, na geração filha, Marta – filha de Ana, observam-se as experiências dessas mulheres no que diz respeito

ao protagonismo de suas próprias vidas, nas oportunidades de autocuidado e na percepção e vivência de sua velhice.

### **Considerações finais**

Integrar o trabalho de cuidado doméstico remunerado e não remunerado como uma política de cuidado no Brasil representa um avanço. Em um contexto doméstico, a divisão das tarefas de cuidado, em que cada indivíduo assumisse a responsabilidade por uma tarefa, seria altamente desejável e socialmente justo.

Na maioria das ocasiões, provenientes da zona rural, com baixa escolaridade e qualificação, as avós migram para a área urbana em busca de oportunidades de emprego e melhores condições de vida. Ao ouvir essas mulheres, em meio a tantas lutas, nota-se certas transformações ao longo das gerações, das avós para as netas, como o acesso a serviços públicos de infraestrutura, instalações operacionais de abastecimento de água e saneamento básico. A maioria delas continua residindo na Vila Marçola; na geração das filhas, Marta e Maria deram continuidade às experiências e aprendizados adquiridos com o trabalho doméstico de cuidado não remunerado para a inserção no mercado através do trabalho doméstico de cuidado remunerado como diaristas. O conhecimento transmitido pelas avós, decorrente de suas histórias de vida, e repassado às netas, por meio de suas filhas, pode ser considerado como oriundo de referências a práticas conservadoras do passado, seja pela via da moralidade, da afetividade e das obrigações, que foram invisibilizadas e silenciadas enquanto “trabalho”. A geração das netas ainda encontra oportunidades de estudo, com a ampliação da educação e, dessa forma, observa-se também a redução da taxa de natalidade na geração das netas, levando em conta o número de filhos desde a geração das avós Ana e Natalina, assim como a procura por trabalho remunerado; no entanto, a forma de controle sobre as mulheres, ligada à sobrecarga de conciliar múltiplas tarefas e demandas, frequentemente impede que seus projetos de vida se tornem possíveis. O que se pode observar, após a aposentadoria das avós, foi a oportunidade de circulação pelo território na busca e aquisição de ocupações significativas com acesso dentro da comunidade a projetos sociais (arte, cultura, lazer, saúde) que proporcionassem resgate e novas experiências no autocuidado e, dessa maneira, promovesse a desobrigação da função de “cuidado”.

Com este estudo, foi possível constatar que não ocorreram mudanças significativas em relação à transmissão intergeracional de renda, assim como as responsabilidades às quais estão submetidas nas atividades de cuidar; embora algumas tenham mencionado pequenas

participações do gênero masculino no domicílio, isso não se compara às múltiplas desigualdades enfrentadas pelas mulheres.

Torna-se urgente a introdução de novas políticas públicas que reconheçam e contemplem a equidade de direitos; observa-se a importância da implementação das Políticas de Cuidado no Brasil e em Belo Horizonte como possibilidades de corresponsabilização entre Estado, mercado, família e comunidade, visando promover a equidade de gênero em relação ao trabalho de cuidado.

## Referências

AGLOMERADO da Serra. *Diálogos Comunitários*, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://dialogoscomunitarios.org.br/aglomerado-da-serra/>. Acesso em: 29 dez. 2024.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATTHYÁNY, Karina; PERROTA, Valentina. O direito ao cuidado no Uruguai da pandemia: familiarização e feminização na sua expressão máxima. *Estudos de Sociologia*, Araraquara. v. 29, n. 2, p. 371-391, 2024. DOI: 10.52780/res.v29i2.19790. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/19790>. Acesso em: 11 jan. 2025.

BATTHYÁNY, Karina; GENTA, Natalia; PERROTA, Valentina. Discurso experto en el cuidado de personas mayores: un análisis de género. *Revista de Ciencias Sociales*, La Rioja (España), v. 22, n. 34, p. 71-92, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4864062>. Acesso em: 06 fev. 2024.

BRASIL avança na garantia de direitos no trabalho doméstico com promulgação do decreto. 09 mai. 2024. Disponível em: <https://tst.jus.br/-/brasil-avan%C3%A7a-na-garantia-de-direitos-no-trabalho-dom%C3%A9stico-com-promulga%C3%A7%C3%A3o-de-decreto>. Acesso em: 14 jan. 2025.

BRITO, Murillo Marschner Alves de; FERNANDES, Danielle Cireno; HELAL, Diogo. Educação e mobilidade social: raça, capital social e posição socio-ocupacional: um estudo aproximativo para a Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: FAHEL, Murilo; RAMBLA, Xavier; LAZZAROTTI, Bruno; BRONZO, Carla (Orgs.). *Desigualdades educacionais & pobreza*. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2013. p. 325-341. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Murilo-Fahel/publication/275716297\\_Desiguadades\\_Educacionais\\_Pobreza/links/5575a3c108aeacff1ffeffbd/Desiguadades-Educacionais-Pobreza.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Murilo-Fahel/publication/275716297_Desiguadades_Educacionais_Pobreza/links/5575a3c108aeacff1ffeffbd/Desiguadades-Educacionais-Pobreza.pdf). Acesso em: 10 fev. 2025.

CABRAL, Matheus. A teoria de classes contemporânea de Jessé Souza. *Revista Agenda Social*, Campos dos Goytacazes, v. 17, n. 1, p. 21-26, 2023. DOI: 10.59044/1981-9862/v1n17a3. Disponível em: [https://revistaagendasocial.com.br/wp-content/uploads/2023/08/RAS\\_artigo\\_21-26.pdf](https://revistaagendasocial.com.br/wp-content/uploads/2023/08/RAS_artigo_21-26.pdf). Acesso em: 04 fev. 2025.

CAMARANO, Ana Amélia; PINHEIRO, Luana (Orgs.). *Cuidar verbo transitivo: caminhos para a provisão de cuidados no Brasil*. Rio de Janeiro: Ipea, 2023. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11842/35/Cuidar\\_Verbo\\_Transitivo\\_Book.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11842/35/Cuidar_Verbo_Transitivo_Book.pdf). Acesso em: 17 jul. 2024.

COSTA, Bruno Lazzarotti Diniz; MENDES, Igor Adolfo Assaf. Família e desempenho escolar em Minas Gerais: recursos familiares e defasagem escolar. In: FAHEL, Murilo; RAMBLA, Xavier; LAZZAROTTI, Bruno; BRONZO, Carla (Orgs.). *Desigualdades educacionais & pobreza*. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2013. p. 233-256. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Murilo-Fahel/publication/275716297\\_Desiguadades\\_Educacionais\\_Pobreza/links/5575a3c108aeacff1ffcfbd/Desiguadades-Educacionais-Pobreza.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Murilo-Fahel/publication/275716297_Desiguadades_Educacionais_Pobreza/links/5575a3c108aeacff1ffcfbd/Desiguadades-Educacionais-Pobreza.pdf). Acesso em: 24 fev. 2024.

CUNS, Rosario Aguirre; SOLARI, Sol Scavino. *Vejece de las mujeres: desafíos para la igualdad de género y la justicia social en Uruguay*. Montevideo (Uruguay): Doble Clic Editoras, 2018. Disponível em: <https://archivo.cepal.org/pdfs/ebooks/VejeceDelasMujeres.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2025.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. *Interação familiar – a influência aos avós sobre a família nuclear – estudo de caso*. 2022. 181f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: [https://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/43107/1/1983\\_CristinaMariadeSouzaBritoDias.pdf](https://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/43107/1/1983_CristinaMariadeSouzaBritoDias.pdf). Acesso em: 08 mar. 2024.

DUMONT, Érica. *A "caixa preta" do cuidado: relações de gênero e histórias de vida de trabalhadoras técnicas de enfermagem*. 2012. 144f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

ESPING-ANDERSEN, Gosta; GALLIE, Duncan; HEMERIKJ, Anton; MYERS, John. *Why we need a new welfare state*. New York: Oxford University Press, 2002.

FEDERICI, Sílvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2019. Disponível em: [https://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2019/09/Opontozerodarevolucao\\_WEB.pdf](https://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2019/09/Opontozerodarevolucao_WEB.pdf). Acesso em: 06 abr. 2024.

FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2023.

FONTOURA, Natália de Oliveira; PINHEIRO, Luana Simões. Síndrome de Juno: gravidez, juventude e políticas públicas. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de (Orgs.). *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: Ipea, 2009. p. 149-166. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9162/1/SindromeJuno\\_Cap6.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9162/1/SindromeJuno_Cap6.pdf). Acesso em: 06 jun. 2024.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. *Pobreza multidimensional na infância e adolescência no Brasil – 2017 a 2023*. Brasília: Unicef, 2025. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/32121/file/relatorio-pobreza-multidimensional-infantil%20-%20final.pdf.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2025.

GUEDES, Olegna de Souza; DAROS, Michelli Aparecida. O cuidado como atribuição feminina: contribuições para um debate ético. *Serviço Social em Revista*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 122-134, 2009. DOI: 10.5433/1679-4842.2009v12n1p122. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/10053>. Acesso em: 14 out. 2024.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. *Os circuitos do cuidado. Reflexões a partir do caso brasileiro*. In: CONGRESS OF THE LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION, Boston, USA, 2019. Disponível em: <https://www.studocu.com/es-ar/document/universidad-de-buenos-aires/sociologia/nadya-guimaraes-circuitos-do-cuidado-pdf/13154353>. Acesso em: 18 dez. 2024.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko. *El cuidado en América Latina: mirando los casos de Argentina, Brasil, Chile, Colombia y Uruguay*. Buenos Aires (Argentina): Fundación Medifé Edita, 2020. Disponível em: <https://www.clacso.org/el-cuidado-en-america-latina-mirando-los-casos-de-argentina-brasil-chile-colombia-y-uruguay/>. Acesso em: 19 jan. 2025.

HAMMELL, Karen Whalley. Making choices from the choices we have: the contextual-embeddedness of occupational choice. *Canadian Journal of Occupational Therapy*, v. 87, n. 5, p. 400-411, 2020. DOI: 10.1177/0008417420965741. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0008417420965741>. Acesso em: 13 fev. 2025.

HIRATA, Helena Sumiko. Gênero, classe e raça interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014. DOI: 10.1590/S0103-20702014000100005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/LhNLNH6YJB5HVJ6vnGpLgHz/?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2025.

HIRATA, Helena Sumiko. Gênero, patriarcado, trabalho e classe. *Trabalho Necessário*, Niterói, v. 16, n. 29, p. 14-27, 2018. DOI: 10.22409/tn.16i29.p4552. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4552>. Acesso em: 31 out. 2023.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10.ed. São Paulo: Ática, 2015.

McCALLUM, Cecilia; BUSTAMANTE, Vania. Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia. *Etnográfica*, Lisboa, v. 16, n. 2, p. 221-246, 2012. DOI: 10.4000/etnografica.1476. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/1476>. Acesso em: 14 fev. 2025.

MELO, Luiz Martins de. A infraestrutura de serviços públicos e o território urbano. In: LEAL, Claudio Figueiredo Coelho; LINHARES, Lucas Roosevelt Ferreira; lemos, Cristina Ribeiro; SILVA, Marcelo Machado da; LASTRES, Helena Maria Martins. *Um olhar territorial para o desenvolvimento: Sudeste*. Rio de Janeiro: BNDES, 2015. p. 410-434. (Caderno 16). Disponível em: <http://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/4721>. Acesso em: 09 fev. 2025.

NOGUEIRA-MARTINS, Maria Cezira Fantini; BÓGUS, Cláudia Maria. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. *Saúde e Sociedade*, v. 13, n. 3, p. 44-57, 2004. DOI: 10.1590/S0104-12902004000300006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/RVqT6nk8tM8q3rLf5FSfGKN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2023.

PALOMO, María Teresa Martín. Tres generaciones de mujeres, tres generaciones de cuidados. Apuntes sobre una etnografía moral. *Cuadernos de Relaciones Laborales*, Madrid (España), v. 31, n. 1, p. 115-138, 2013. DOI: 10.5209/rev\_CRLA.2013.v31.n1.41641.

Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CRLA/article/view/41641/39701>. Acesso em: 09 dez. 2024.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 445-454, 2021. DOI: 10.15448/1984-7289.2021.3.40551. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/civitas/a/h7rvGvv5gNPpkm7MjMG6D5c/>. Acesso em: 13 fev. 2025.

PERO, Valéria; SZERMAN, Dimitri. Mobilidade intergeracional de renda no Brasil. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 1-36, 2008. Disponível em:

[https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3357/13/PPE\\_v38\\_n01.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3357/13/PPE_v38_n01.pdf). Acesso em: 17 abr. 2024.

PINHEIRO, Luana; MEDEIROS, Marcelo; COSTA, Joana; BARBOSA, Ana de Holanda. *Gênero é o que importa: determinantes do trabalho doméstico não remunerado no Brasil*. Brasília, DF: Ipea, 2023. (Texto para Discussão, n. 2920). DOI: 10.38116/td2920-port.

Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/12380>. Acesso em: 04 nov. 2023.

PNAD 2004: ocupação cresceu e rendimento ficou estável. 25 nov. 2005. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13028-asi-pnad-2004-ocupacao-cresceu-e-rendimento-ficou-estavel>. Acesso em: 13 fev. 2025.

SOUZA, Filipe Almeida. Voltando no tempo: o papel dos avós guardiões. In: ENCONTRO CIENTÍFICO E SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO UNISALESIANO, 5, 2015, Lins, SP.

*Trabalhos apresentados...* Lins: Unisalesiano, 2015.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à lava jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

TOMIZAKI, Kimi. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 111, p. 327-346, 2010. DOI: 10.1590/S0101-73302010000200003. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/t3vdv5GwsBbJjJFCSXMc69g/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

VIEIRA, Ana Luiza Menezes. *As ocupações de mulheres velhas nos cotidianos de vulnerabilidade social*. 2021. 86f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Ocupação) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

VIEIRA, Ana Luiza Menezes; DRUMMOND, Adriana de França; COSTA, Luciana Assis. The everyday life occupations of women in social vulnerability in Brazil. *Journal of Occupational Science*, v. 31, n. 1, p. 163-179, 2024. DOI: 10.1080/14427591.2024.2303983. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14427591.2024.2303983>. Acesso em: 10 fev. 2024.

WANDERMUREM, Isabella. *Conheça Aglomerado da Serra e as iniciativas na maior favela de BH*. 23 nov. 2023. Disponível em: [https://www.terra.com.br/visao-do-corre/conheca-aglomerado-da-serra-e-as-iniciativas-na-maior-favela-de-bh,47d8beb593527f35cce49b348c9940313hbd79o8.html#google\\_vignette](https://www.terra.com.br/visao-do-corre/conheca-aglomerado-da-serra-e-as-iniciativas-na-maior-favela-de-bh,47d8beb593527f35cce49b348c9940313hbd79o8.html#google_vignette). Acesso em: 13 fev. 2025.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Integrar o trabalho de cuidado doméstico remunerado e não remunerado como uma Política de Cuidado no Brasil constitui um grande marco. Em um contexto doméstico, a divisão das tarefas domésticas e de cuidado, na qual cada indivíduo fosse responsável por uma tarefa, seria socialmente desejável e justo.

Na maioria das vezes, originárias da área rural, com baixa escolaridade e qualificação, as avós migraram para a área urbana em busca de oportunidades de emprego e melhores condições de vida. Essas são mulheres que se autodeclararam negras e pardas, pobres, residentes em periferias, que retratam um movimento histórico e social construído por longos períodos de escravidão, com seus deslocamentos das áreas rurais para a cidade, em busca de melhorias e qualidade de vida. Ao ouvir essas mulheres, em meio a tantas batalhas, percebe-se algumas mudanças ao longo das gerações das avós até as netas, incluindo melhorias no acesso aos serviços públicos de infraestrutura, instalações operacionais de abastecimento de água e saneamento básico. A maioria delas continua residindo na Vila Marçola; na geração das filhas, Marta e Maria deram continuidade às experiências e aprendizados relacionados ao trabalho doméstico de cuidado não remunerado para a inserção no mercado de trabalho com o cuidado doméstico remunerado na função de diaristas. Mulheres com empenho, perseverança e participação ativa, foram assim construindo suas vidas. O conhecimento ensinado pelas avós, a partir de suas histórias de vida, e transmitido às netas por suas filhas, pode ser dito que provém de referências enraizadas em práticas conservadoras do passado, seja pela via da moral, da afetividade ou das obrigações, que foram invisibilizadas e silenciadas enquanto “trabalho”. A geração das netas ainda encontra oportunidades de estudo com a ampliação da educação, observando-se, dessa forma, também a diminuição da taxa de natalidade nesta geração, considerando o número de filhos desde as gerações das avós Ana e Natalina, assim como a busca por trabalho remunerado; no entanto, a forma de controle sobre as mulheres, em relação à sobrecarga de conciliar múltiplas tarefas e demandas, muitas vezes impede que seus projetos de vida se tornem viáveis. O que foi possível observar, nas gerações das avós após a aposentadoria, foi a oportunidade de circulação pelo território para a oferta e aquisição de ocupações significativas, com acesso dentro da comunidade a projetos sociais (arte, cultura, lazer, saúde) que proporcionassem o resgate e novas experiências, na prática de autocuidado e, dessa forma, a liberação das obrigações “do cuidar”.

Com este estudo, foi possível observar que não ocorreram mudanças significativas em relação à transmissão intergeracional de renda; as responsabilidades a que estão sujeitas as

atividades de cuidado, embora algumas tenham mencionado pequenas participações do gênero masculino no domicílio, não se comparavam às múltiplas desigualdades enfrentadas pelas mulheres.

Ao longo dos anos, com a introdução de movimentos de luta pela garantia de direitos e reconhecimento no setor de trabalho, em decorrência das mudanças no mundo (históricas, sociais, culturais, econômicas, políticas) e da implementação de novas políticas públicas que reconheçam e contemplem a equidade de direitos, se assim pode-se afirmar, numerosas conquistas têm sido alcançadas. Pode-se exemplificar com a implementação da Política de Cuidados no Uruguai e, em consideração a isso, há mudanças significativas que estão sendo trazidas pela instituição das Políticas de Cuidado no Brasil e em Belo Horizonte. É fundamental que a política do cuidado se torne uma pauta diária e prática – a ferramenta nós já temos!

## REFERÊNCIAS

AGLOMERADO da Serra. **Diálogos Comunitários**, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://dialogoscomunitarios.org.br/aglomerado-da-serra/>. Acesso em: 29 dez. 2024.

ÁVILA, Maria Betânia de Melo. Divisões e tensões em torno do tempo do trabalho doméstico no cotidiano. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, Brasília, v. 2, p. 67-76, 2010. Disponível em: [https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/873/1/revistadoobservatorio\\_trabalho\\_dez2010.pdf](https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/873/1/revistadoobservatorio_trabalho_dez2010.pdf). Acesso em: 30 jun. 2024.

AZEREDO, Verônica Pacheco de Oliveira; AZEREDO, Ive Oliveira Campolina; BRANDÃO, Maria Lúcia Silva. Ângela Davis: dor e opressão da mulher em suas resistências e lutas históricas. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, v. 2, n. 7, p. , 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/debatesinsubmissos/article/view/242947>. Acesso em: 24 set. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATTHYÁNY, Karina; PERROTA, Valentina. O direito ao cuidado no Uruguai da pandemia: familiarização e feminização na sua expressão máxima. **Estudos de Sociologia**, Araraquara. v. 29, n. 2, p. 371-391, 2024. DOI: 10.52780/res.v29i2.19790. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/19790>. Acesso em: 11 jan. 2025.

BATTHYÁNY, Karina; GENTA, Natalia; PERROTA, Valentina. Discurso experto en el cuidado de personas mayores: un análisis de género. **Revista de Ciencias Sociales**, La Rioja (España), v. 22, n. 34, p. 71-92, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4864062>. Acesso em: 06 fev. 2024.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. **Marco conceitual da Política Nacional de Cuidados do Brasil**. 30 out. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/participamaisbrasil/marco-conceitual-da-politica-nacional-de-cuidados-do-brasil>. Acesso em: 08 jan. 2025.

BRASIL avança na garantia de direitos no trabalho doméstico com promulgação do decreto. 09 mai. 2024. Disponível em: <https://tst.jus.br/-/brasil-avan%C3%A7a-na-garantia-de-direitos-no-trabalho-dom%C3%A9stico-com-promulga%C3%A7%C3%A3o-de-decreto>. Acesso em: 14 jan. 2025.

BRITO, Murillo Marschner Alves de; FERNANDES, Danielle Cireno; HELAL, Diogo. Educação e mobilidade social: raça, capital social e posição socio-ocupacional: um estudo aproximativo para a Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: FAHEL, Murilo; RAMBLA, Xavier; LAZZAROTTI, Bruno; BRONZO, Carla (Orgs.). **Desigualdades educacionais & pobreza**. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2013. p. 325-341. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Murilo-Fahel/publication/275716297\\_Desiguadades\\_Educacionais\\_Pobreza/links/5575a3c108aeacff1ffeffbd/Desiguadades-Educacionais-Pobreza.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Murilo-Fahel/publication/275716297_Desiguadades_Educacionais_Pobreza/links/5575a3c108aeacff1ffeffbd/Desiguadades-Educacionais-Pobreza.pdf). Acesso em: 10 fev. 2025.

CABRAL, Matheus. A teoria de classes contemporânea de Jessé Souza. **Revista Agenda Social**, Campos dos Goytacazes, v. 17, n. 1, p. 21-26, 2023. DOI: 10.59044/1981-9862/v1n17a3. Disponível em: [https://revistaagendasocial.com.br/wp-content/uploads/2023/08/RAS\\_artigo\\_21-26.pdf](https://revistaagendasocial.com.br/wp-content/uploads/2023/08/RAS_artigo_21-26.pdf). Acesso em: 04 fev. 2025.

CAMARANO, Ana Amélia; PINHEIRO, Luana (Orgs.). **Cuidar verbo transitivo: caminhos para a provisão de cuidados no Brasil**. Rio de Janeiro: Ipea, 2023. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11842/35/Cuidar\\_Verbo\\_Transitivo\\_Book.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11842/35/Cuidar_Verbo_Transitivo_Book.pdf). Acesso em: 17 jul. 2024.

CARVALHO, Fernanda Cristina Gomes de; PAIVA, Maria Lúcia de Souza Campos. O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 59, n. 131, p. 223-235, 2009. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0006-59432009000200008&script=sci\\_arttext](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0006-59432009000200008&script=sci_arttext). Acesso em: 28 jun. 2024.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020. Disponível em: [http://www.ser.puc-rio.br/2\\_COLLINS.pdf](http://www.ser.puc-rio.br/2_COLLINS.pdf). Acesso em: 04 ago. 2024.

CORRENT, Nikolas. História oral & história das mulheres: entre silenciamentos e memórias. **História e Cultura**, Franca, v. 11, n. 1, p. 325-339, 2022. Disponível em: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/download/3558/3182>. Acesso em: 08 fev. 2024.

COSTA, Bruno Lazzarotti Diniz; MENDES, Igor Adolfo Assaf. Família e desempenho escolar em Minas Gerais: recursos familiares e defasagem escolar. In: FAHEL, Murilo; RAMBLA, Xavier; LAZZAROTTI, Bruno; BRONZO, Carla (Orgs.). **Desigualdades educacionais & pobreza**. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2013. p. 233-256. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Murilo-Fahel/publication/275716297\\_Desiguadades\\_Educacionais\\_Pobreza/links/5575a3c108aeacff1ffeffbd/Desiguadades-Educacionais-Pobreza.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Murilo-Fahel/publication/275716297_Desiguadades_Educacionais_Pobreza/links/5575a3c108aeacff1ffeffbd/Desiguadades-Educacionais-Pobreza.pdf). Acesso em: 24 fev. 2024.

CRENSHAW, Kimberle Williams. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence Against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43, p. 1241-1299, 1991. Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/mapping-the-margins-intersectionality-identity-politics-and-violence-against-women-of-color-kimberle-crenshaw1.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2025.

CUNS, Rosario Aguirre; SOLARI, Sol Scavino. **Vejece de las mujeres: desafíos para la igualdad de género y la justicia social en Uruguay**. Montevideo (Uruguay): Doble Clic Editoras, 2018. Disponível em: <https://archivo.cepal.org/pdfs/ebooks/Vejecesdelasmujeres.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2025.

DAMASCENO, Caetana. **Segredos da boa aparência: da “cor” à “boa aparência no mundo do trabalho carioca (1930-1950)**. Rio de Janeiro: Edur, 2011.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. **Interação familiar** – a influência aos avós sobre a família nuclear – estudo de caso. 2022. 181f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: [https://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/43107/1/1983\\_CristinaMariadeSouzaBritoDi as.pdf](https://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/43107/1/1983_CristinaMariadeSouzaBritoDi as.pdf). Acesso em: 08 mar. 2024.

DUMONT, Érica. **A "caixa preta" do cuidado**: relações de gênero e histórias de vida de trabalhadoras técnicas de enfermagem. 2012. 144f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

DURÁN HERAS, María Ángeles. **El trabajo no remunerado en la economía global**. Bilbao: Fundación BBVA, 2012. Disponível em: [https://www.fbbva.es/wp-content/uploads/2017/05/dat/DE\\_2012\\_trabajo\\_no\\_remunerado.pdf](https://www.fbbva.es/wp-content/uploads/2017/05/dat/DE_2012_trabajo_no_remunerado.pdf). Acesso em: 17 abr. 2024.  
 DRUMMOND, Adriana de França; GOMES, Ana Maria Rabelo; COSTER, Wendy J.; MANCINI, Marisa Cotta. Predictive factors of household task participation in Brazilian children and adolescents. **OTJR (Thorofare, N.J.)**, v. 35, n. 2, p. 101-109, 2015. DOI: 10.1177/1539449215573005. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26460473/>. Acesso em: 14 mai. 2024.

ESPING-ANDERSEN, Gosta; GALLIE, Duncan; HEMERIKJ, Anton; MYERS, John. **Why we need a new welfare state**. New York: Oxford University Press, 2002.

FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2019. Disponível em: [https://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2019/09/Opontozeroдавolucao\\_WEB.pdf](https://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2019/09/Opontozeroдавolucao_WEB.pdf). Acesso em: 06 abr. 2024.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2023.

FONTOURA, Natália de Oliveira; PINHEIRO, Luana Simões. Síndrome de Juno: gravidez, juventude e políticas públicas. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de (Orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009. p. 149-166. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9162/1/SindromeJuno\\_Cap6.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9162/1/SindromeJuno_Cap6.pdf). Acesso em: 06 jun. 2024.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Pobreza Multidimensional na Infância e Adolescência no Brasil** – 2017 a 2023. Brasília: Unicef, 2025. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/32121/file/relatorio-pobreza-multidimensional-infantil%20-%20final.pdf.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2025.

GARCIA, Bruna Carolina; MARCONDES, Gláucia dos Santos. As desigualdades da reprodução: homens e mulheres no trabalho doméstico não remunerado. **Revista Brasileira de Estudos Populares**, v. 39, p. 1-20, e0204, 2022. DOI: 10.20947/S0102-3098a0204. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/YFcf3Nd3WFxGvmwhsByQqBH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 fev. 2025.

GUEDES, Olegna de Souza; DAROS, Michelli Aparecida. O cuidado como atribuição feminina: contribuições para um debate ético. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 12, n.

1, p. 122-134, 2009. DOI: 10.5433/1679-4842.2009v12n1p122. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/10053>. Acesso em: 14 out. 2024.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. **Os circuitos do cuidado**. Reflexões a partir do caso brasileiro. In: CONGRESS OF THE LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION, Boston, USA, 2019. Disponível em: <https://www.studocu.com/es-ar/document/universidad-de-buenos-aires/sociologia/nadya-guimaraes-circuitos-do-cuidado-pdf/13154353>. Acesso em: 18 dez. 2024.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko. **El cuidado en América Latina: mirando los casos de Argentina, Brasil, Chile, Colombia y Uruguay**. Buenos Aires (Argentina): Fundación Medifé Edita, 2020. Disponível em: <https://www.clacso.org/el-cuidado-en-america-latina-mirando-los-casos-de-argentina-brasil-chile-colombia-y-uruguay/>. Acesso em: 19 jan. 2025.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; VIEIRA, Priscila Perreira Faria. As “ajudas”: o cuidado que não diz seu nome. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 98, p. 7-23, 2020. DOI: 10.1590/s0103-4014.2020.3498.002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/LN8YgwX9J7Xgr67tZTVjf9B/>. Acesso em: 04 jul. 2024.

HAMMELL, Karen Whalley. Making choices from the choices we have: the contextual-embeddedness of occupational choice. **Canadian Journal of Occupational Therapy**, v. 87, n. 5, p. 400-411, 2020. DOI: 10.1177/0008417420965741. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0008417420965741>. Acesso em: 13 fev. 2025.

HIRATA, Helena Sumiko. Globalização, trabalho e gênero. **Revista de Políticas Públicas**, Franca, v. 9, n. 1, p. 111-128, 2005. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3770>. Acesso em: 23 set. 2024.

HIRATA, Helena Sumiko. Gênero, classe e raça interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014. DOI: 10.1590/S0103-20702014000100005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/LhNLNH6YJB5HVJ6vnGpLgHz/?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2025.

HIRATA, Helena Sumiko. O trabalho de cuidado: comparando Brasil, França e Japão. **SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 53-64, 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/5-sur-24-por-helena-hirata.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2024.

HIRATA, Helena Sumiko. Gênero, patriarcado, trabalho e classe. **Trabalho Necessário**, Niterói, v. 16, n. 29, p. 14-27, 2018. DOI: 10.22409/tn.16i29.p4552. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4552>. Acesso em: 31 out. 2023.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995. DOI: 10.1590/%25x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em: 03 dez. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10.ed. São Paulo: Ática, 2015.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 86, p. 93-103, 2010. DOI: 10.1590/S0101-33002010000100005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/hVNNxSrszcVLQGfHFfF85kk/>. Acesso em: 13 jul. 2024.

McCALLUM, Cecília; BUSTAMANTE, Vania. Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia. **Etnográfica**, Lisboa, v. 16, n. 2, p. 221-246, 2012. DOI: 10.4000/etnografica.1476. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/1476>. Acesso em: 14 fev. 2025.

MEDEIROS, Marcelo; PINHEIRO, Luana Simões. Desigualdade de gênero em tempo de trabalho pago e não pago no Brasil, 2013. **Sociedade e Estado**, v. 33, n. 1, p. 161-187, 2018. DOI: 10.1590/s0102-699220183301007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/yjf6KzFkTcJJC5qrQF87PP/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MELO, Luiz Martins de. A infraestrutura de serviços públicos e o território urbano. In: LEAL, Claudio Figueiredo Coelho; LINHARES, Lucas Roosevelt Ferreira; IEMOS, Cristina Ribeiro; SILVA, Marcelo Machado da; LASTRES, Helena Maria Martins. **Um olhar territorial para o desenvolvimento**: Sudeste. Rio de Janeiro: BNDES, 2015. p. 410-434. (Caderno 16). Disponível em: <http://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/4721>. Acesso em: 09 fev. 2025.

MENDES, Camila Guimarães; COSTA, Daniele Souza; SOARES, Antônio Alvim; DRUMMOND, Adriana de França; PAULA, Jonas Jardim de; MANCINI, Marisa Cotta; MIRANDA, Débora Marques. Influência dos estilos parentais e das características psiquiátricas das mães na participação em tarefas domésticas de crianças com TDAH. **Revista Debates in Psychiatry**, v. 2, p. 26-36, 2019. DOI: 10.25118/2236-918X-9-2-3. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/download/59/46/95>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MONTENEGRO, Thereza. **O cuidado e a formação moral na educação infantil**. São Paulo: EDUC, 2001.

NOGUEIRA, Tamis Porfírio Costa Crisóstomo Ramos. Mucama permitida: a identidade negra do trabalho doméstico no Brasil. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 3, n. 4, p. 47-58, 2017. DOI: 10.9771/cgd.v3i4.22482. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/22482>. Acesso em: 04 jan. 2024.

NOGUEIRA-MARTINS, Maria Cezira Fantini; BÓGUS, Cláudia Maria. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 3, p. 44-57, 2004. DOI: 10.1590/S0104-12902004000300006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/RVqT6nk8tM8q3rLf5FSfGKN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2023.

OLIVEIRA, Maira Ribeiro de. **As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos**. 2011. 193f. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

ORÍ, Mônica Oliveira Batista; XIMENES, Lorena Barbosa; ALVES, Maria Dalva Santos. Madeleine Leininger e a teoria da diversidade e universalidade do cuidado cultural – um resgate histórico. **Online Brazilian Journal of Nursing**, 2005. Disponível em: [https://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4855/html\\_719](https://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4855/html_719). Acesso em: 06 jun. 2024.

PALOMO, María Teresa Martín. Tres generaciones de mujeres, tres generaciones de cuidados. Apuntes sobre una etnografía moral. **Cuadernos de Relaciones Laborales**, Madrid (España), v. 31, n. 1, p. 115-138, 2013. DOI: 10.5209/rev\_CRLA.2013.v31.n1.41641. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CRLA/article/view/41641/39701>. Acesso em: 09 dez. 2024.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 445-454, 2021. DOI: 10.15448/1984-7289.2021.3.40551. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/h7rvGvv5gNPpkm7MjMG6D5c/>. Acesso em: 13 fev. 2025.

PERO, Valéria; SZERMAN, Dimitri. Mobilidade intergeracional de renda no Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 1-36, 2008. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3357/13/PPE\\_v38\\_n01.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3357/13/PPE_v38_n01.pdf). Acesso em: 17 abr. 2024.

PINHEIRO, Luana; MEDEIROS, Marcelo; COSTA, Joana; BARBOSA, Ana de Holanda. **Gênero é o que importa**: determinantes do trabalho doméstico não remunerado no Brasil. Brasília, DF: Ipea, 2023. (Texto para Discussão, n. 2920). DOI: 10.38116/td2920-port. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/12380>. Acesso em: 04 nov. 2023.

PNAD 2004: ocupação cresceu e rendimento ficou estável. 25 nov. 2005. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13028-asi-pnad-2004-ocupacao-cresceu-e-rendimento-ficou-estavel>. Acesso em: 13 fev. 2025.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Política Municipal do Cuidado**. 29 jun. 2023. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/assistencia-social-e-direitos-humanos/cuidado>. Acesso em: 04 jan. 2025.

RENK, Valquiria Elita; BUZQUIA, Sabrina Pontes; BORDINI, Ana Silvia Juliatto. cuidadoras em ambiente familiar: a internalização da ética do cuidado. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 30, n. 3, p. 416-423, 2022. DOI: 10.1590/1414-462X202230030228. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/Rj7CcQFNbJHCTFpwWGrnppp/>. Acesso em: 30 set. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos**: modos e significados. Brasília: INCTI/UnB, 2015. Disponível em: <https://repi.ufsc.br/node/167>. Acesso em: 21 jun. 2024.

SOUZA, Filipe Almeida. Voltando no tempo: o papel dos avós guardiões. In: ENCONTRO CIENTÍFICO E SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO UNISALESIANO, 5, 2015, Lins, SP. **Trabalhos apresentados...** Lins: Unisalesiano, 2015.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à lava jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Márcio Ferreira de; MARIANO, Silvana. Percepções de cuidado e práticas de gênero das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família a partir de um recorte geracional: mudanças e permanências. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 23, n. 3, p. 164-194, 2018. DOI: 10.5433/2176-6665.2018v23n3p164. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/34290>. Acesso em: 24 mai. 2024.

TEIXEIRA, Inês A. de Castro; PÁDUA, Karla Cunha. Virtualidades e alcances da entrevista narrativa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 2, 2006, Salvador. **Cd-rom...** Salvador: UNEB, 2006. Disponível em: <https://professor.ufop.br/reginaaraujo/classes/narrativas-docentes-aspectos-metodol%C3%B3gicos-e-formativos/materials/virtualidades>. Acesso em: 14 jan. 2025.

TOMIZAKI, Kimi. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 327-346, 2010. DOI: 10.1590/S0101-73302010000200003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/t3vdv5GwsBbJjFCSXMc69g/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

VIEIRA, Ana Luiza Menezes. **As ocupações de mulheres velhas nos cotidianos de vulnerabilidade social**. 2021. 86f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Ocupação) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

VIEIRA, Ana Luiza Menezes; DRUMMOND, Adriana de França; COSTA, Luciana Assis. The everyday life occupations of older women in social vulnerability in Brazil. **Journal of Occupational Science**, v. 31, n. 1, p. 163-179, 2024. DOI: 10.1080/14427591.2024.2303983. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14427591.2024.2303983>. Acesso em: 10 fev. 2024.

WANDERMUREM, Isabella. **Conheça Aglomerado da Serra e as iniciativas na maior favela de BH**. 23 nov. 2023. Disponível em: [https://www.terra.com.br/visao-do-corre/conheca-aglomerado-da-serra-e-as-iniciativas-na-maior-favela-de-bh,47d8beb593527f35cce49b348c9940313hbd79o8.html#google\\_vignette](https://www.terra.com.br/visao-do-corre/conheca-aglomerado-da-serra-e-as-iniciativas-na-maior-favela-de-bh,47d8beb593527f35cce49b348c9940313hbd79o8.html#google_vignette). Acesso em: 13 fev. 2025. Acesso em: 13 fev. 2025.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa: do início ao fim**. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZELIZER, Viviana. A economia do care. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 376-391, 2011. DOI: 10.15448/1984-7289.2010.3.8337. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/8337>. Acesso em: 20 mai. 2024.

## APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

### TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Nº \_\_\_\_\_

Você está sendo convidada a participar da pesquisa *“O cotidiano de três gerações de mulheres em situação de vulnerabilidade social”*.

O objetivo desta pesquisa é conhecer como você e outras mulheres (filhas e netas acima de 18anos de idade das idosas moradoras do Aglomerado da Serra / BH / MG participantes do Projeto intitulado: “O Cotidiano de mulheres idosas em situação de vulnerabilidade social” ), vivem as ocupações do seu dia a dia.

Caso você concorde em participar da pesquisa, marcaremos um encontro presencial com você para fazer uma entrevista em local, data e horário convenientes para você. Irei acompanhá-la durante todo o tempo, inclusive na ida e na volta para sua casa, se for melhor para você. Os riscos que existem nesta pesquisa é o medo ante ao uso da informações coletadas; vergonha em responder as perguntas; cansaço antes o tempo despendido para participar e responder as perguntas. Caso você se sinta incomodada por qualquer motivo durante a entrevista, poderemos interrompê-la sem nenhum prejuízo para você. Na situação de persistência do incômodo, poderemos acompanhá-la pelo período que for preciso. Mesmo cientes que o País não se encontra em momento de Pandemia da COVID19 máscaras poderão ser disponibilizadas para segurança e conforto de vocês caso assim desejarem. Sua entrevista está prevista para durar em torno de 34 minutos e acontecerá em um único dia. Você terá o tempo que necessitar para responder as perguntas.

Se você aceitar a entrevista será filmada com de gravação de voz. As perguntas da entrevistas são sobre o que você faz no dia dia; o porque de fazer essas atividades; o que você gosta e não gosta de fazer; o que é fácil e o que é difícil de fazer para você; quando você começou a fazer essas atividades; e qual o sentido delas na sua vida e, as lembranças de vivências no seu cotidiano com sua mãe/avó. Também irei fazer perguntas sobre suas características pessoais, como: nome, idade, naturalidade, tempo de moradia no Aglomerado da Serra, com quem você mora, se você tem filhos, seu estado civil, se você tem companheiro, sua escolaridade, profissão, situação de trabalho atual e sua religião. Assim, você pode nos ajudar a entender como é o dia a dia de vocês e, nas três gerações de mulheres da mesma família. Com essas reflexões você terá a possibilidade de falar da maneira que seu cotidiano acontece e se precisar de alguma orientação, você pode contar comigo. Esta pesquisa poderá contribuir na oportunidade de você entender melhor sua rotina e sobrecarga de cuidado e poder modificá-la de forma que você tenha mais tempo para realizar atividades prazerosas e significativas para você, assim proporcionar qualidade de vida. Também irá colaborar na construção da Política Nacional de Cuidado em busca de melhorar a situação das mulheres brasileiras que se responsabilizam pelo cuidado nos aglomerados das grandes cidades brasileiras, visto que pouco se sabe como é o dia a dia das mulheres em três gerações: filhas, mães e avós. Para garantir que as informações deste estudo sejam confidenciais, o seu nome nunca será mostrado a ninguém e nem aparecerá em revistas ou trabalhos científicos e você escolherá um nome fantasia para ser usado durante a pesquisa. Os nomes também não serão identificados. A sua participação é completamente voluntária e você é livre para não querer contribuir com essa pesquisa. Mesmo se você optar nesse momento por participar, poderá sair da entrevista a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo. Você não receberá nenhuma forma de pagamento para participar dessa pesquisa, mas se tiver algum gasto por causa da sua participação, eu mesma vou pagar ou devolver para você o dinheiro gasto. Os materiais coletados nessa pesquisa ficarão guardados na Universidade Federal de Minas Gerais, aonde eu estudo e serão cuidados pela minha Prof. Orientadora Adriana de França Drummond, pelo período de 10 anos. Depois de entender a nossa pesquisa, se for da sua vontade de participar, por favor, preencha e assine a declaração abaixo. Estou à disposição para quaisquer dúvidas e para resolver o que for preciso e possível para você.

#### **DECLARAÇÃO E ASSINATURA:**

Eu, \_\_\_\_\_ entendi todas as informações sobre o estudo, sendo que os objetivos, o passo a passo e as palavras usadas foram claras e bem explicadas. Tive tempo suficiente para compreender as informações acima e tive a oportunidade de tirar todas as minhas dúvidas. Estou assinando este termo por vontade própria e tenho direito de agora, ou depois, de discutir qualquer dúvida que apareça sobre a pesquisa com a Lyria Tâmera, Telefone: (31)99538-4261. Assinando esse Termo de Consentimento, estou afirmando que concordo em participar deste estudo e concordo com o registro da minha imagem e voz.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_  
Data

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora Responsável  
Lyria Tâmera Rocha Porto

\_\_\_\_\_  
Data

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Profª Orientadora/Coordenadora do Projeto  
Dra. Adriana de França Drummond

\_\_\_\_\_  
Data

Se você tiver perguntas em relação a seus direitos como participante do estudo, poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, Telefone/Fax: (31)3409- 4592- Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627, Pampulha, CEP: 31270-901- BH/MG- Campus- UFMG- Unidade Administrativa II – 2º andar – Sala 2005.

## APÊNDICE B – Termo de autorização para utilização de imagem e voz

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS EDUCACIONAIS E DE PESQUISA N° \_\_\_\_\_**

Eu, \_\_\_\_\_ convidada a participar da pesquisa “O cotidiano em três gerações de mulheres em situação de vulnerabilidade social”, inscrita no CPF n°

\_\_\_\_\_ tenho ciência e autorizo a gravação e utilização da minha imagem e/ou som de voz, como parte dos requisitos obrigatórios para a realização da entrevista. Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, seja ele televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação – UFMG/MG.

Deste modo, declaro que tenho ciência, concordo e autorizo o uso nos termos acima descritos, da minha imagem e/ou som de voz. Este documento ficará sob guarda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação – UFMG/MG, disponível para consulta.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

## APÊNDICE C – Entrevista semiestruturada

Universidade Federal de Minas Gerais Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional Mestrado em Estudos da Ocupação Orientadora: Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> . Adriana de França Drummond Discente: Lyria Tâmera Rocha Porto	
<b>As relações de cuidado doméstico em três gerações de mulheres em situação de vulnerabilidade social. Entrevista Semi-estruturada</b>	
<b>EIXO 1: PERFIL DAS PARTICIPANTES</b>	
NOME:	DATA:
COMO VOCÊ GOSTARIA DE SER CHAMADA NA PESQUISA?	
DATA NASC:	IDADE: IDADE DA MÃE: IDADE DA AVÓ:
NATURALIDADE:	COR/RAÇA:
TEMPO DE MORADIA NO AGLOMERADO DA SERRA: ONDE VOCÊ RESIDE HOJE?	COM QUEM MORA?
TEM FILHOS(AS)? SE SIM, QUANTOS? QUANTAS MULHERES E QUANTOS HOMENS?	
ESTADO CIVIL:	TEM COMPANHEIRO(A)?
RELIGIÃO:	
ESCOLARIDADE:	
PROFISSÃO:	
SITUAÇÃO ATUAL DE TRABALHO:	
<b>EIXO 2: PERGUNTAS ABERTAS</b>	
1) Me conta um pouco do seu dia a dia?	
2) Como o cuidado doméstico é realizado na sua casa (com as pessoas, animais, plantas, no preparo das refeições) ?	
A) Quem faz? B) Ele é dividido entre as pessoas? C) Como ele é dividido? D) Quem fica responsável por cada coisa?	
3) O que é mais difícil para realizar o cuidado doméstico?	
4) O que facilita para fazer o cuidado doméstico?	
5) Como era/é o cuidado doméstico que sua avó faz (ia)?* Por que você acha que é/era desse jeito?	
6) Como era/é o cuidado doméstico que sua mãe faz (ia)?* Por que você acha que é/era desse jeito?	

7) Você faz algum cuidado doméstico que é parecido com a forma que sua avó faz (ia)? E sua mãe?\* Por que você faz? Por que você acha que é parecido?

8) O que você faz no cuidado doméstico que é diferente da sua avó?\* Por que você faz diferente?

9) O que você faz no cuidado doméstico que é diferente da sua mãe?\* Por que você faz diferente?

10) Para finalizar nosso encontro, você quer falar algo mais aqui?

Observações:

## ANEXO A – Parecer de aprovação da pesquisa pelo CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DA EMENDA

**Título da Pesquisa:** O cotidiano de mulheres em três gerações de mulheres em situação de vulnerabilidade social

**Pesquisador:** Adriana de França Drummond

**Área Temática:**

**Versão:** 4

**CAAE:** 36344920.9.0000.5149

**Instituição Proponente:** Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.813.887

#### **Apresentação do Projeto:**

trata-se de uma EMENTA. Segundo o protocolo, no documento INFORMAÇÕES BÁSICAS, está posto: “O envelhecimento da população mundial tem sido um tema bastante discutido na atualidade. Paralelamente ao acelerado envelhecimento populacional, a legislação direcionada para o público idoso no Brasil se desenvolveu de forma satisfatória. No entanto, a aplicação dessas leis mostra-se insuficiente ao analisar o cotidiano dos idosos brasileiros. A maioria das pessoas velhas do País são mulheres e há um agravamento da situação quando se trata de idosas de um contexto de classe social com menor poder aquisitivo, carecendo mais de políticas públicas e atendimento direcionado às suas demandas. A relevância do feminismo no Brasil, ao conquistar espaços na política pública e no âmbito da Constituição Federal de 1988. No entanto, a diversidade do público feminino brasileiro exige ampliação das iniciativas feministas, de forma a contemplar questões étnicas, raciais, religiosas, de classe e relativas à idade [...]”. HIPÓTESE: as fragilidades, experimentadas ao longo da vida e a necessidade de subsistência de si e da família, influenciam na priorização de algumas ocupações em detrimento de outras. METODOLOGIA: trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório. CENÁRIO DO ESTUDO: Vila Marçola, localizada no Aglomerado da Serra, periferia da zona sul de Belo Horizonte, Minas Gerais. AMOSTRA por conveniência, composta por 10 mulheres, sendo: a primeira geração de mulheres do primeiro estudo, a segunda e terceira gerações serão, respectivamente, suas filhas e netas. Das três gerações do estudo, as avós já

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha

**Bairro:** Unidade Administrativa II

**CEP:** 31.270-901

**UF:** MG

**Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 6.813.887

foram participantes do estudo anterior. As filhas e as netas serão as novas participantes do estudo atual. **COLETA DE DADOS**  $\hat{c}$  será feita através de entrevista semi estruturada, gravada em imagem e áudio por mídia digital, com duração estimada de 30 minutos. O roteiro da entrevista terá dois eixos: o primeiro, composto por perguntas fechadas com o intuito de estabelecer o perfil sociodemográfico das participantes. No segundo eixo, as perguntas serão abertas sobre o objeto do estudo. O contato para agendamento de todos os encontros acontecerá via telefone, priorizando a disponibilidade de tempo e horário das participantes. As entrevistas serão realizadas na residência das participantes, buscando sempre espaços e momentos que garantam a privacidade e o conforto. **ANÁLISE DE DADOS**: os áudios serão transcritos e será utilizado codinome para as participantes. Após a organização do material, será utilizada a análise de conteúdo em três etapas. Na primeira será feita uma exploração flutuante das entrevistas, filmagens e registros das observações da pesquisadora. Na segunda fase será feita a codificação dos dados, com agrupamento dos temas semelhantes em categorias representativas. Na terceira etapa ocorrerá a interpretação e discussão com a literatura. **CRITÉRIO DE INCLUSÃO**: as mulheres serem filhas e netas das avós-participantes da pesquisa anterior; mães sem limite de idade; netas com idade acima dos 18 anos de idade. **CRITÉRIO DE EXCLUSÃO**: fator limitador ou falta de condições físicas, psíquicas ou contextuais que impeça a participação nas entrevistas ou qualquer outro processo que implique na incapacidade para responder à entrevista semi estruturada.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

##### **OBJETIVO PRIMÁRIO:**

Compreender a percepção de três gerações de mulheres (avós, mães e filhas) em situação de vulnerabilidade sobre as ocupações e o cotidiano em que vivem.

##### **OBJETIVO SECUNDÁRIO**

1. Identificar as ocupações que essas mulheres das gerações (filhas e netas) gostam e não gostam de realizar no cotidiano;
2. Compreender os papéis ocupacionais que assumem no cotidiano, relacionando-os com suas histórias de vida;
3. Investigar como e os motivos pelos quais essas ocupações se configuram como limites ou potenciais no cotidiano;
4. Compreender as dificuldades vivenciadas pelas mulheres das três gerações em situação

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha

**Bairro:** Unidade Administrativa II

**CEP:** 31.270-901

**UF:** MG

**Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 6.813.887

de vulnerabilidade social e quais estratégias de enfrentamento são utilizadas;

5. Avaliar se há o predomínio das categorias das ocupações a serem compartilhadas por elas;
6. Compreender se existem diferenciações entre as ocupações realizadas durante a semana e no final de semana e quais são as motivações para tal;
7. Entender a semelhança e diferenças do cuidado em três gerações de mulheres em um contexto inicialmente de vulnerabilidade social;
8. Compreender as rotinas e papéis desempenhados por três gerações de mulheres em relação ao cuidado;
9. Compreender as lembranças que as netas trazem das avós.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O protocolo em seu documento TCLE ç FILHAS E NETAS - afirma que: ç Os riscos que existem nesta pesquisa é o medo ante ao uso das informações coletadas; vergonha em responder as perguntas; cansaço antes o tempo despendido para participar e responder as perguntas. Caso você se sinta incomodada por qualquer motivo durante a entrevista, poderemos interrompê-la sem nenhum prejuízo para você. Na situação de persistência do incômodo, poderemos acompanhá-la pelo período que for preciso. Mesmo cientes que o País não se encontra em momento de Pandemia da COVID19 máscaras poderão ser disponibilizadas para segurança e conforto de vocês caso assim desejarem. Benefícios: Com essas reflexões você terá a possibilidade de falar da maneira que seu cotidiano acontece e se precisar de alguma orientação, você pode contar comigo. Esta pesquisa poderá contribuir na oportunidade de você entender melhor sua rotina e sobrecarga de cuidado e poder modificá-la de forma que você tenha mais tempo para realizar atividades prazerosas e significativas para você, assim proporcionar qualidade de vida. Também irá colaborar na construção da Política Nacional de Cuidado em busca de melhorar a situação das mulheres brasileiras que se responsabilizam pelo cuidado nos aglomerados das grandes cidades brasileiras, visto que pouco se sabe como é o dia a dia das mulheres em três gerações: filhas, mães e avós ç.

#### **AVALIAÇÃO DO PARECERISTA:**

A pesquisadora responsável procedeu aos ajustes que lhe foram solicitados.

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha

**Bairro:** Unidade Administrativa II

**CEP:** 31.270-901

**UF:** MG

**Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS**



Continuação do Parecer: 6.813.887

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa estará a cargo da pesquisadora responsável Profa. Dra. ADRIANA DE FRANÇA DRUMMOND, tendo a participação de LYRIA TÂMERA ROCHA PORTO; a pesquisadora responsável está ligada ao Departamento de Terapia Ocupacional, pertencente à Universidade Federal de Minas Gerais. O projeto possui PARECER CONSUBSTANCIADO pelo Departamento de Terapia Ocupacional, datado e aprovado em 17/07/2020. Apresenta cronograma exequível no tempo; informa que o estudo possuirá financiamento próprio.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Sobre os documentos de instrução, encontro: (a) folha de rosto, datada e assinada; (b) projeto de pesquisa; (c) parecer consubstanciado emitido pelo DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, pertencente à UFMG; (d) documento INFORMAÇÕES BÁSICAS; (e) TCLE contendo objetivo, risco e benefício, tempo de guarda de DEZ anos; (f) outros.

**Recomendações:**

Não se aplica.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Conforme as considerações apontadas sou, S.M.J, favorável pela APROVAÇÃO do protocolo.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_2294007_E1.pdf	10/04/2024 23:11:26		Aceito
Outros	Cartarespostaaoparecerconsustanciado.pdf	10/04/2024 23:10:45	Adriana de França Drummond	Aceito

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 6.813.887

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_2294007_E1.pdf	09/04/2024 21:46:24		Aceito
Outros	termodeautorizacaodeimagemevoz.pdf	09/04/2024 21:45:45	Adriana de França Drummond	Aceito
Outros	termodeautorizacaodeimagemevoz.pdf	09/04/2024 21:45:45	Adriana de França Drummond	Postado
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEATUALFILHASNETAS.pdf	14/03/2024 04:47:29	Adriana de França Drummond	Aceito
Outros	EntrevistasemiestruturadaATUAL.pdf	14/03/2024 04:36:21	Adriana de França Drummond	Aceito
Outros	CARTAO CNPJ SEU VIZINHO.pdf	17/10/2020 17:05:14	Adriana de França Drummond	Aceito
Outros	CARTARESPOSTAAOPARECERCONSUBSTANCIADODOCEP5PDF.pdf	17/10/2020 17:00:08	Adriana de França Drummond	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODEPESQUISA10ATUALIZADOPDF.pdf	17/10/2020 16:59:06	Adriana de França Drummond	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE7PDF.pdf	17/10/2020 16:58:14	Adriana de França Drummond	Aceito
Outros	ENTREVISTASEMIESTRUTURADAPDF.pdf	30/07/2020 22:34:56	Adriana de França Drummond	Aceito
Outros	APROVACAODACAMARADTOUFMG.pdf	22/07/2020 22:10:50	Adriana de França Drummond	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTOVERSAOFINAL.pdf	05/06/2020 20:01:16	Adriana de França Drummond	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CARTEDEAUTORIZACAOSVPDF.pdf	03/06/2020 13:10:02	Adriana de França Drummond	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BELO HORIZONTE, 09 de Maio de 2024

Assinado por:  
**Corinne Davis Rodrigues**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 6.813.887

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br